

O VASSALO MAIS FIEL NO CERCO DE GUIMARÃES



Edição: Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Transcrição e Introdução de Isabel Pinto
Data: Novembro 2014
ISBN: 978-989-98248-7-4

Centro de Estudos de Comunicação e Cultura
Faculdade de Ciências Humanas – UCP
Palma de Cima, 1649-023 Lisboa
<http://cecc.fch.lisboa.ucp.pt/en/>

S.A., *Comédia Nova Intitulada O Vassalo Mais Fiel no Cerco de Guimarães*, cópia de António José de Oliveira, 1796 [BNP, COD. 1370//4].

Disponível, através do Catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal, em <http://purl.pt/15339>.

SOBRE O TEXTO:

O Vassalo Mais Fiel no Cerco de Guimarães, comédia em verso de autor desconhecido, que aqui obtém edição inaugural, é cópia do escriba profissional António José de Oliveira, no ano de 1796. Contém, para além da comédia assim intitulada, um «Argumento», que esclarece a fonte histórica da intriga: *Terceira Parte da Monarquia Lusitana, que contém a História de Portugal desde o Conde Dom Henrique até todo o reinado del Rei Dom Afonso Henriques*, da autoria de António Brandão, impressa em Lisboa, em 1632. Insere-se no contexto mais lato da recuperação do teatro histórico na segunda metade do século XVIII, a par com outros títulos, que lograram ser publicados em avanço: *A Glória Lusitana ou A Restauração de Cambre* (Lisboa: Oficina de Domingos Gonçalves, 1783); *O Ilustríssimo D. Afonso de Albuquerque em Goa* (Lisboa: Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1784); *A Glória de Portugal nas Acções de D. Nuno Álvares Pereira* (Lisboa: Oficina de António Gomes, 1790), etc. A intriga recupera o acto temerário de Egas Moniz, aio e secretário de D. Afonso Henriques, ao dispor-se a sacrificar a vida, juntamente com a da família, para cumprir a sua palavra, depois de D. Afonso VII, primo de D. Afonso Henriques, de acordo com o previamente combinado com o próprio Egas Moniz, ter levantado o cerco à cidade de Guimarães, em 1127. A comédia enaltece a figura de um herói que escapa ao *pathos* pelo elevado empenhamento no interesse colectivo e no desígnio nacional.

COMÉDIA NOVA INTITULADA
O VASSALO MAIS FIEL NO CERCO DE GUIMARÃES
(1796)

**COMÉDIA NOVA INTITULADA *O VASSALO MAIS FIEL NO CERCO*
*DE GUIMARÃES***

PERSONAGENS:

D. AFONSO HENRIQUES, *infante de Portugal*,

D. AFONSO, *rei de Castela e seu primo*,

EGAS MONIZ, *grande do reino*,

D. TERESA, *sua esposa e madrasta de*,

D. ELVIRA, *irmã de*,

D. LOURENÇO VIEGAS, *amigo de*,

D. PÊRO PAIS, *alferes da bandeira do infante*,

D. FERNANDO, *conde e retirado a Castela*,

BERMUDO, *pajem da lança do infante*,

Soldados portugueses;

Soldados castelhanos.

C. 1796

ARGUMENTO DA OBRA

Egas Moniz, ilustre cavaleiro de Portugal, e igualmente nobre pelas suas virtudes raras, talentos e marcial valor, mereceu a mais particular estimação ao conde D. Henrique, governador de Portugal, por se desposar com D. Teresa, filha de el rei D. Afonso de Castela e nascendo destes desposórios o infante D. Afonso Henriques, tronco da cerca dos reis de Portugal. Foi escolhido para seu aio Egas Moniz, o qual educou ao infante até vida de dezasseis anos; e oito destes ao depois da morte de seu pai, do qual tempo em diante lhe ficou servindo de seu conselheiro. Passados alguns anos, por particulares motivos, se retirou sua mãe para o castelo de Lanhoso. Deste retiro da mãe se seguiu que el rei D. Afonso de Castela lhe pusesse um apertado cerco à vila de Guimarães, corte, então, dos seus estados.

Então, o ilustre Egas Moniz, prevendo as críticas circunstâncias da presente situação e o vexame de seus amados patrícios, e o pouco poder do infante para se opor [II] ao cerco, tomou o oculto expediente de ir ao rei D. Afonso de Castela, persuadindo-o com a maior política a que retirasse o cerco. E não podendo vencer com razões ao dito rei, pôde Egas Moniz concluir que, visto que sem a entrega de alguns lugares em Leão e Galiza que o infante lhe estava possuindo se lhe cederiam e que na falta destes ele, Egas, se oferecia em reféns, com sua mulher e filhos. Retirado Egas ao seu infante, levanta Afonso de Castela o cerco a Guimarães. Egas conta o sucedido ao infante com a entrega dos lugares; duvida da entrega pela força sem motivo do cerco de Guimarães. Retira-se Egas e procurando salvar ao seu infante dos iminentes cuidados e à sua pátria os estragos de uma ardente guerra e à sua honra da feia mancha da falta de satisfação de sua palavra se vai apresentar a el rei de Castela em humilde traje com cordas ao pescoço e juntamente sua mulher e filhos.

A cena principia pelo posto cerco a Guimarães, ao qual drama lhe servem de episódios o retiro da rainha com o conde [III] D. Fernando e os amores de dona Elvira, filha de Egas Moniz, e D. Pêro Pais, alferes da real bandeira do infante.

O argumento do seu plano é tirado da terceira parte da Monarquia Lusitana, livro nono, fólho 91verso. [1]

Acto 1.º

Cena 1.ª

Sala do Infante

Sai EGAS MONIZ e o INFANTE.

EGAS: Como digo infante soberano
quer tentar outra vez a sua sorte
vosso primo, senhor; é valor forte
de seu ânimo grande e destemido.
Sai do passado encontro tão ferido
esse expõem a segundo precipício
cercou-nos Guimarães tão de repente
que impedi-lo não pôde nossa gente.
E no estado, senhor, em que discorro
é mister prontamente dar socorro
aos povos aflitos da comarca
que o poder de Castela hoje abarca.

INFANTE: Qual o motivo ter pode outra vez
a inquietar-nos depois de Valdevez?
Eu não chego a alcançar qual é a razão
que meu primo ter pode nesta acção.
Mas já penso na origem, D. Fernando
abandonou-me e tem contrário bando;
seguir quer o partido da rainha,
visto o não conseguir o que convinha.
E, portanto, Afonso de Castela

quer vingar ao conde e mais a ela.

EGAS: E tão breve olvidou o lance passado, [1v]
em que ele ficou desbaratado?

INFANTE: Para que deu-me o céu força pungente
castigando o atentado que potente
imperador seus tenta de Espanha.

EGAS: Mais valera que o visse a campanha
a espada arrancar contra inimigos
a tanta fé os postos, e não a amigos
tão chegados no sangue por unidos
que até se envergonha os ouvidos
da pronúncia que faço e se agareno,
que a posse lhe usurpa do seu reino,
procura destruir com lança e espada,
que tal acção será mais bem louvada.

INFANTE: Ora pois, bom Moniz, vossa prudência,
qual velho capitão na dependência
deste cerco, eu espero um parecer
de vossas cãs só digno a meu ver
por levantar o cerco pois à terra
ou valente oferecer-lhe em campo guerra.
Eu já Afonso VI, Afonso Henriques
que ‘inda as mesmas espadas e os porquês
meus guerreiros sustentam valerosos
do reencontro passado e gloriosos
prontos estão a buscar segunda vez
os que escaparam lá em Valdevez.

EGAS: O céu, como hás visto, favorece
aos que os buscam fiéis e não se esquece

protegê-los de esforço e ampará-los [2]
contra aqueles que buscam inquietá-los.

INFANTE: Bem se viu nesse choque precedente
o que perdeu Afonso imensa gente.

EGAS: Talvez senhor que contra os inimigos
da fé que adoramos menos perigos
sentiria, enfim, pronto remédio
nos convém dar para já o tal assédio
nem permita o céu que ociosos
descansemos à sombra dos zelosos
vassalos, que defendem honras, vidas.
Vejam em nós, grão senhor, iguais fadigas.
Na tardança periga a opinião
da vitória passada em tal acção.

Não trabalhem somente os teus soldados,
venham nobres e reis potentados.

INFANTE: Passai ordem Moniz muito brevemente
para que venham logo em continente
sem que tempo se perca um instante,
onde se acha cercado o seu infante.

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Eficaz, procurou um mensageiro
falar a Egas, senhor.

INFANTE e EGAS: É cavaleiro?

BERMUDO: Não senhor, vem de pé mas assentado
e ao que mostra parece ser soldado.

INFANTE: Ao que disse por ti ordem passando?

EGAS: A servir-vos já parto, porém quando
o inimigo às portas estês batendo, [2v]
o mais pronto remédio...

INFANTE: Já entendo.

Apronta-me, Bermudo, a minha lança.
e as armas juntamente.

EGAS: Ah, descansa

Tens em Egas Moniz um fiel vassalo
que a seu príncipe, por saber guardá-lo
a vida exporá a qualquer perigo;
passar as ordens vou, e ao inimigo
observar-lhe a força e postura. (Vai-se)

INFANTE: Que honra a vassalagem, que ventura! (Vai-se)

BERMUDO: Que acompanhe o infante é preciso.
Mas que vem Pêro Pais também de siso?

Sai PÊRO PAIS.

PAIS: Dizei Bermudo, o infante
poderei comunicá-lo?

BERMUDO: Daqui se apartou agora
e Egas Moniz, seu aio;
aquele estimável velho,
coluna deste estado.

PAIS: Vós ouvistes que tratassem
do cerco que o castelhano
tem posto a Guimarães?

BERMUDO: Julgo que sim, porém quando
é motora a própria mãe

deste que nos dá trabalho
é sem razão que lhe assista.

PAIS: De tal desordem o culpado [3]

é, segundo eu presumo,
esse conde D. Fernando,
pois como não conseguiu
o intento premeditado
buscou de Castela as armas
para vingar-se a seu salvo.

BERMUDO: Vossa honra me perdoe
mas eu intento o contrário:
toda a culpa é da rainha
e não do conde D. Fernando,
porque Afonso de Castela
não poria gente em campo
a não se empenhar com ela
a irmã, e protestando
que vencido a Portugal
o ajuntava a seus estados,
fazendo-se mais temível.

PAIS: Dizei-me Bermudo, a caso
quanto me dizeis é certo?

E, pois, julga o castelhano
que os dotes dados aos filhos
lhe tornem em viuvando,
como herdeiro que suceda
por antiga lei ao estado?

Desde que o mundo é mundo
nunca em tal se há praticado;

e quando 'inda pretendesse
por violência levá-lo, [3v]
há-de achar nos portugueses
um espírito forte e bravo
que rebata as sem-razões
de seus projectos errados.

BERMUDO: Nossas vidas e fazendas
Expor devemos e quanto
em nós há, é do infante
e nós seus fiéis vassalos.

PAIS: E é o infante sabedor
Bermudo, já desse caso?

BERMUDO: Capacito-me que sim,
Pois Egas Moniz, seu aio,
por ter ciência mais certa
lho terá comunicado.
E porque pode buscar-me
nosso infante soberano,
dai-me licença a que vá
a servi-lo qual criado. (Vai-se.)

PAIS: Ide, Bermudo, a servi-lo
que eu outra vez voltando
irei ver a dona Elvira,
objecto que idolatro
e a quem dirijo por feudo,
qual único simulacro
desta minha alma as potências
e a quem somente agasalho. (Indo.)

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Dizei-me, senhor D. Pêro, [4]
está o nosso infante ocupado?

PAIS: Julgo que sim, caro amigo,
em seu governo cuidando.

Trazeis algumas notícias
que nos sejam de agrado?

LOURENÇO: Que está Lanhoso também
como Guimarães cercado.

Aquele pela rainha,
e esta pelo castelhano.

PAIS: Lanhoso, aquele castelo
das espanhas respeitado,
pôde entrá-lo a rainha,
com mulheril poder fraco?

LOURENÇO: Não foi à força das armas
nem tão pouco por assalto,
foi entrar nele a rainha
como senhora a seu salvo
e apenas que se viu dentro,
guarneceu o castelhano
e nele espera o sucesso
de Guimarães D. Fernando;
como sabeis, dá calor
ao cerco, qual rebelado
ao infante D. Afonso.

PAIS: Pois não tem um desengano
Castela de pouco fruto,

que terá de conquistar-nos.
Não somos nós ‘inda os mesmos [4v]
que o sangue não limpamos
das espadas que os feriram
nesse reencontro passado.

LOURENÇO: Em seu castigo os projectos
julgo lhe saiam errados
mas entretanto os povos
da comarca são vexados.

PAIS: Do nosso invicto infante
pelo amor de seus vassalos
lhe sara grande desvelo
para breve aliviá-los.

LOURENÇO: A razão que nos assiste
será todo o nosso amparo.
O céu protege os aflitos
e castiga aos rebelados.
E talvez que em seu castigo
nos queira tirar a campo
por inquietar a quem
vive em seu lar sossegado.

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Senhor D. Lourenço Viegas,
estimo de aqui encontrar-vos.
Vinde ao nosso infante.

LOURENÇO: Obediente e vassalo
ao meu príncipe obedeço.

Adeus, amigo estimado.

Acompanhais-me Bermudo? (Vai-se.)

BERMUDO: Seguir devo os vossos passos. (Vai-se.) [5]

PAIS: Feliz família de Egas!

Oh, que estimável vassalo,
e mais feliz nosso infante,
com tão grande secretário;
que feliz chamar-se deve
um príncipe soberano
quando por tal ministério
acha um sujeito honrado
de quem se chegue a fiar,
livre de qualquer engano.
Todas estas circunstâncias
em Moniz vemos e achamos:
na paz fiel conselheiro;
na guerra o melhor soldado,
pronto a qualquer empresa,
sem que lhe sirvam os anos
qual escudo a defender-se,
por que a espada empunhando,
se mostre logo o primeiro
nas empresas capitão
servindo com o seu exemplo
aos mais desanimados
para a defesa da pátria
contra os adversários. (Vai-se.)

Cena 2.^a

Alameda graciosa e jardim a fundo. Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: Por dever os cuidados [5v]
que a meu peito dá de martírio
venho buscando de Elvira
os seus luzeiros divinos.
Oh se aqui a encontrassem
meus olhos aos seus esquivos...
Porém, distante observo
a Lourenço, caro amigo.

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Se não me engano é aquele
Pêro Pais, que divertido
entre as variáveis flores
atento, está reflectindo
como a sábia natureza
sem amanhã as produziu.

PAIS: Ah, Elvira, se em teu peito
sentisses de amor os tiros
quais eu padeço calando
sem achar ao mal colírio,
talvez menos desdenhosa
e ingrata fosses comigo. (Chega Lourenço.)

LOURENÇO: Que suspensão é a vossa?

Dizei, Pêro Pais, que é isso?

Pois noto em vós o aspecto
estar um pouco pensativo.

PAIS: Tenho o peito consternado
e falta de todo o alívio,
e é meu mal tão estranho, [6]
quando parece capricho
que hei-de me ver calando
até que o queira o destino.

LOURENÇO: Falai-me com mais clareza,
desabafai-vos comigo
qual o cariado que traz
como fora do juízo;
comunicai vossas penas
a quem como eu sou digno
de valer-vos quanto posso.
Temeis algum desafio?
Há desgosto em vossa casa?
Sentis manha em vosso brio?
Ah, de uma vez por quem sois,
tirai-me já deste abismo!

PAIS: Quisera satisfazer-vos,
sim, caro Lourenço, amigo...
Porém, se vo-lo disser,
julgar-me-eis de atrevido.

LOURENÇO: Como? Assim de mim supondes
caísse em tal desvario,
quando me ofereço ajudar-vos?
Se em tal eu puder servir-vos...

PAIS: Essa é a maior desgraça,
recusar o valor digno
de vosso alento bizarro
sou infeliz, caro amigo
e é onde chegar podia. [6v]
Meu insofrível martírio
nem sequer por desafogo
tenho mais do que os suspiros
e ‘inda algumas vezes esses
por cauteloso os reprimo.

LOURENÇO: Mas que fera é a sem-razão
Que aqui hoje obrais comigo.
Dizei-me, tendes amor,
estais de seus arpões ferido?
Despreza-vos a quem amais
ou tem amante mais digno?
É de esfera por mais alta?
Habei desigual amigo?

PAIS: Nem me despreza nem tem
que eu saiba outro mais digno,
mas é tão sisuda a dama
por quem morro e por quem vivo
que nem chamar-lhe ingrata
me atrevo, porque o duvido.
Mostra-se desentendida
a quantos significativos
eu lhe tenho, por mil vezes,
mostrado quanto a estimo.
Já nunca mais em seus olhos

lhe descobri um benigno
agasalho por amá-la.

Sai D. ELVIRA ao largo.

ELVIRA: (Aparte) Por encontrar nenhuma vez [7]
com Pêro Pais a descuido
saí mesmo solitária
a este agradável sítio.
Com meu irmão se entretém...

LOURENÇO: Mas como vos disse amigo
procurai a ocasião
de lhe falar e ser visto
que amor não entra somente
pelos olhos; os ouvidos
que as palavras nos escutam,
os amantes expressivos...
Porém, chega minha irmã.

PAIS: Quem chega, Lourenço amigo?

LOURENÇO: Elvira, minha irmã.
Porém, se aqui advirto
que vos causou sobressalto
seu nome a repeti-lo...

PAIS: Não me assusto, porém temo
que encontrar-me neste sítio
talvez lhe cause incómodo,
quando procura o retiro,
e perturbá-lo não queria.

LOURENÇO: Porém, ao estares comigo...

(Aparte)¹ Já compreendo de Pais
ser Elvira o seu feitiço.

PAIS: Retiremo-nos daqui. (Indo.)

LOURENÇO: E eu julgo não ser preciso
que ela já chega a nós. (Chega D. Elvira.) [7v]
Pêro Pais.

ELVIRA: Irmão querido,
eu estimei encontrar-vos
pois vinha só por saber...
Mas como estais praticando
com o senhor D. Pêro Pais
será noutra ocasião.

LOURENÇO: Falai Elvira que o amigo
em nada pode estorvar-nos.

PAIS: Eu, senhora, não quisera
servir aqui de embaraço
e, se permitis me ausente,
eu prontamente o faço.

ELVIRA: Igual julgo eu que fui
a que pude embaraçar-vos,
quando entre dois amigos
estaríaes partilhando
do cerco de Guimarães
e é certo que os inimigos
nos têm a vila cercado.

LOURENÇO: Prouvera ao céu, ó Elvira,
que tudo fosse ao contrário,

¹ Na presente edição a indicação de aparte corresponde no manuscrito a discurso entre barras:
/Já compreendo de Pais
ser Elvira o seu feitiço/.

tudo a Castela devemos.

PAIS: Feito em tempo tão rápido
que até aos próprios vizinhos
de tal repente ficaram
estúpidos para a defesa
sem poder embarçar-lho. [8]

ELVIRA: E o nosso real infante
não trata desalojá-los?

LOURENÇO: Tão breve as ordens já deu
para acudir aos vassallos
que breve e sem mais demora
como penso, chegarão.

ELVIRA: E vós, senhor, também dais
de vossa herdade criados
para servir nesta empresa?

PAIS: De hoje até amanhã
outenta lanças que apenas
são os que tenho vassallos.

LOURENÇO: Mas dissei-me, Pêro Pais,
e quem há-de comandá-los?

PAIS: Vós, amigo, que eu não posso
por ser alferes do estado
maior do nosso infante.

LOURENÇO: Com tão briosos soldados
já me julgo vencidos
de todos nossos contrários.

Sai um SOLDADO.

SOLDADO: Por ordem régia, senhor
aqui venho a procurar-vos
da parte do régio infante.

LOURENÇO: Voltai que eu vos acompanho. (Vai-se o soldado.)
Amigo, dai-me licença. (Vai-se.)

ELVIRA: Ide ao nosso soberano.

PAIS: Eu também que me ausente, [8v]
vos suplico, porém, quando...

ELVIRA: Nem vos ordeno o retiro
nem que fiqueis também mando.

PAIS: Qual glória seria a minha
o estar eu ao vosso mando.

Tal poder tendes em mim
como o senhor no escravo,
eu sou vosso de sorte...

ELVIRA: E eu o julgo ao contrário
senhor Pêro Pais; se vos
abatem a escravo,
quem é tão senhor de si
no meu conceito é alto.

PAIS: Toda a minha liberdade
está senhora em vossas mãos
nem tenho livre alvedrio.

ELVIRA: Voluntária sujeição
como a julgais cativo?
Ora, pois, explicai-vos.

PAIS: Eu me explico, senhora
mas não chegueis a agravar-vos.
Viver eu sem ter amor, não, não o espero

quando és de minha alma todo alento.
Sem ti, querida Elvira, eu considero
sepultado estar no meu tormento.
Ser livre das cadeias eu não quero,
que o padecer por ti é meu contento. [9]
Não te queixes de mim prenda estimável,
de ti mesma te queixa que és amável.

ELVIRA: Mas como assim dizer-me
passastes a temerário?!

Dei-vos eu, talvez, licença
de ser comigo arrogado.

PAIS: Na licença que me destes
amada Elvira, a explicar-vos
de meu peito a amante frágua.

A vosso mérito, bem que eu
para bem idolatrar-vos,
não preciso diligência;
meu afecto é voluntário,
se vos desagrada que eu...

ELVIRA: Sim, de que me ameis me agravo
e ficai de hoje entendendo;
conheça o meu desagrado
que minha altivez não vive
amor sujeita, e quando
o estivesse tenho um pai
com quem deveis tratá-lo.
Entendeis-me, Pêro Pais?
Deste sítio retirai-vos
que até chega a ofender-me

o mesmo que aqui vos mando.

PAIS: Se assim tratais quem vos ama,
que será havendo agravo?

ELVIRA: Que vos retireis ordeno! [9v]

PAIS: Louvores aos céus santos
que já posso bem chamar-me
humilde servo e escravo.

ELVIRA: Mas não por minha vontade.

PAIS: Se obedeço a vosso mando...

ELVIRA: 'Inda vos não retirais?

PAIS: Sim, dona Elvira, eu parto
a morrer de vos escutar.

Porém, no meu coração
impresso está vosso nome
qual character que gravado
está no puro diamante.

ELVIRA: Que obediente escravo
mostrais ser senhor D. Pêro,
que mal obedece ao mando.

PAIS: Já me ausento, sim cruel
de meu sossego e descanso.

Ah, Elvira, e quem dissera
que na confissão que faço
de me render a teus olhos
o tomasses por agravo.

ELVIRA: Já a vossa pertinácia
faz que eu chegue a mostrar-vos
o mal que executais
o desempenho de escravo.

Enfim, retirar-me-ei eu
para o vosso desengano.

PAIS: E que sempre ao cevo o lindo [10]

ande o desdém vinculado.

Oh, se eu achasse benigno
o seu carinhoso agrado,
viveria de esperanças
meu aflito coração,
que às penas fica sujeito
ouvindo os seus desenganos.

Porém, que digo? Valor
não tenho eu? Livre acção
de arrogar a seu pai
como ela me há mandado?

Sim, Pêro Pais, de XXXX²,
a buscar a Egas parto
ou a Lourenço, que amigo,
se ofereceu a meus cuidados. (Vai-se.)

Sai D. TERESA.

TERESA: Cuidadosa por Elvira
que solitária desceu
bem fora do seu costume
alameda de passeio
sem trazer mais companhia
que o seu próprio desejo.

² Devido a um borrão, a palavra é ilegível.

É filha, e como tal
com justa razão eu devo
os seus passos espiar-lhe,
não porque eu tenha medo
de suas leviandades
mas porque a mulher em tendo [10v]
ocasião de ser vista
sujeita fica aos tropeços.
De Pêro Pais desconfio
há dias nos seus passeios...
Oh, cuidados de uma mãe
quantos vos custa desvelos
às filhas que não gerastes!
Aproxima-se Lourenço
por esta parte a encontrar-me.
Irei com ele em passeio. (Vai-se.)

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Em nós se observam sempre
maculados pensamentos
mas juízos são errados
quantos em nós revolvemos.
Oh, propensão miserável
do humano ser, que sujeito
está sempre para o mal
nunca para o bem discreto.
Não podia acaso ser
vir Pêro Pais ao passeio

d'alameda sem que houvesse
nele motivo alheio
de querer ver a Elvira?
Sim, podia, pois que penso?
Como julgo de um acaso
o fero crime horrendo?
Além de que Pêro Pais [11]
é ilustre e cavalheiro,
católico e potentado
alferes mor deste reino.
Pois logo como me afligiu
ao que me inquieta o peito
se consigo muitos lucros
ter com ele parentesco.

Sai D. TERESA.

TERESA: Em que pensais, caro filho?

Ou que há de novo, Lourenço?

Onde fica vosso pai?

E meu esposo já veio?

LOURENÇO: Perdoai, que vos não via.

Para obrar quanto devo

com nosso infante ficou

tratando com os desvelos

de restituir-nos a paz

de tirar à vila o cerco,

para o que nos é preciso
outra vez armas tomemos
e que da espada e da lança
as ferrugens lhe limpemos
para nos servirmos delas,
que é inimigo do ferro.

A pai tranquila as armas,
quando postas em sossego.

TERESA: Cobri-vos, filho Viegas,
e ponde o vosso sombreiro. [11v]

LOURENÇO: Como obediente filho
cumpro com obedecer-vos. (Cobre-se.)

TERESA: E o senhor Egas Moniz
tira na guerra emprego
sem que o dispense a cidade?

LOURENÇO: Neste caso, não há velhos;
eles servem nas campanhas
com as armas e conselhos,
pois a longa experiência
prudentes, cautos há feito.

E eles, mais do que os nossos,
servem nos ataques feros.

No presente estado, todos
por obrigação devemos
empenhar-nos na defesa
dos patrícios e do reino,
sacudindo uma opressão
que a todos nos causa peso.

TERESA: E vós também à campanha

deveis ir, que sois mancebo.

LOURENÇO: Fora o eximir-me culpa,

sim, cara mãe, e protesto

ser raio contra o inimigo

e todos os adversos

que procuram estorvar-nos

nosso tranquilo sossego.

Vou aprontar minhas armas,

em um “bu”, se falo ligeiro (indo tirando o chapéu), [12]

por que pronto esteja tudo,

‘inda ao mínimo aceno. (Vai-se.)

TERESA: Têm por herança os filhos

de seus pais o gesto mesmo.

Se acaso foram humildes,

inclinados às empresas

e exercícios de mavórcio...

Porém, quando produzidos

foram de uns pais guerreiros

apenas movem os passos

se descobre nos seus gestos

natural inclinação

de seguir a Marte. Oh, céus,

amparai-me o meu Moniz,

dai valor forte a Lourenço,

por que tornem a meus olhos

ambos de vencer muito ledos

sirvam à pátria que é justo,

como fiéis cavalheiros,

que eu a não vestir saca,

ou ligada ao fraco sexo,
faria sem ser primeira
não mais que o homem mesmo
que outras se viram mover
a lança e o cortante ferro;
heroínas portuguesas
deram brado no universo
nem só gregas nem romanas, [12v]
alto louvor mereceram.
Também nossa Lusitânia
produziu em outros tempos
mulheres tão valorosas
que ao grande romano império
fizeram tal resistância
que em fuga, e por outra o medo
os fez retirar da empresa
que pusilânimes perderam.
Digam-no as bracarenças,
matronas que defendendo
a cidade, vitoriosas
ficaram. Oh, grandes tempos
quantas invejas me ficam
de não suceder-me o mesmo.

Cena 3.^a

Sala régia do Infante.

Sai PÊRO PAIS e EGAS MONIZ.

PAIS: Isto vos rogo, senhor,
por que vos fique obrigado.

EGAS: Eu falarei ao infante,
quando queira confirmá-lo.

Porém, senhor Pêro Pais,
meu filho é muito muchacho
e para comandar homens
é preciso um capitão
a quem os súbditos olhem
mais do que ele veterano. [13]

Eu quero que as vossas gentes
sejam muito bons soldados.

Já experimentei na guerra,
Confio que o seriam.

Mas, dizei-me, vosso tio,
por que não vai comandá-los?

As suas cãs e respeito
infundirá aos mais fracos
ânimo, valor e esforço
que é justo um de mais anos
seja quem lhes dê o exemplo
e não Lourenço, que em estado
não está para documentos
porém, sim para tomá-los.

PAIS: Senhor Egas, eu conheço
de Lourenço os poucos anos
mas é prudente qual filho
de um pai tão esforçado,
e em Valdevez bem mostrou

as provas do grande ânimo.
Todos sabem como ele
se houve no esquerdo lado,
com os pódios que levava
sujeito ao seu comando.

Fez tais proezas que pôde
pôr em fuga aos castelhanos.

Meu tio, senhor, está velho
e já por achaques falto [13v]
e até de agilidade

para montar a cavalo.

E em falta dele quisera
que Lourenço, amigo caro,
fosse o capitão a quem
entregasse os meus soldados.

EGAS: Darei do vosso desejo
conta ao infante soberano;
ele o resolva, porque eu
bem sabeis que nada valho.

E que número de gente
Determinas pôr em campo?

PAIS: Entre meus e de meu tio
são cento e vinte tantos
os que nesta conjuntura
se dispensam do amanhã
das tão precisas colheitas
ou dos frutos sazoados,
visto que nos incomoda
neste tempo o castelhano.

EGAS: Valha-me o céu, que flagelos!

Toda a causa são pecados;
castigo é da mão divina
este cerco a incomodar-nos.

Concedei que me retire. (Vai-se.)

PAIS: Sou vosso humilde escravo.

Na oferta que eu lhe fiz
o seu patrocínio ganho. [14]

Oh, que admirável dita
não chego a ter se alcanço
a Elvira por esposa.

Quanto me feriu o áspero
de suas secas palavras
na primeira ocasião
que pude expor-lhe amante
um puro amor abrasado!

Se o teu rigor tirano não mudares,
crerei, ó Elvira que és tirana,
que ocasião só buscas de matares
a um peito rendido; desumana
ser não queiras comigo, e os pesares
em branduras se troquem, desumana,
e não queiras com teu rigor tão forte
vir a ser o motivo à minha morte. (Vai-se.)

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Fervem ordens, despedidas

a todos os donatários
Que principie vigilante
que assim cuida dos vassallos.
Não vos chameis infeliz
Nem tão-pouco desgraçado,
por vos veres oprimidos
do poder do castelhano
que o céu ampara os aflitos
e pune os que são tiranos.

Sai o INFANTE. [14v]

INFANTE: Já chegou Egas, Bermudo?

BERMUDO: Julgo andar a cuidar
no que, senhor, vossa alteza
sabe que tem a seu cargo.

INFANTE: As míseras lavradoras
constrangidas e vexadas
pelo jugo insuportável
de um parente tão chegado.

BERMUDO: Sem tempo, régio infante
nada se conclui quando
para juntar-se as gentes
de qualquer dos donativos
se precisa de mais tempo
junto ao quarto irmão
trezentos homens estão juntos
com seus respectivos cabos.

INFANTE: E de que parte, Bermudo,

me dize, são enviados?

BERMUDO: De Braga, senhor.

INFANTE: Pois, como
de tal não fui avisado?

BERMUDO: Como estáveis à mesa,
mandei-o ao secretário.

INFANTE: Pois bem, estai advertido
desde hoje, Bermudo, quando
me chegue a procurar
o mais mínimo vassalo
deveis logo dar-me parte. [15]

Está um príncipe obrigado
a não ter de seu mais tempo
que um muito breve espaço
em que come ou em que dorme.

‘Inda nesse mesmo há casos
em que se deixa um e o outro
por ouvi-los; o céu santo
sempre em contínua vigia
está sobre o género humano.

Eu que sou factura sua
e a quem está encomendado
a regência de meus povos
devo também vigiá-los.

BERMUDO: Mas senhor o breve tempo...

INFANTE: De novo, outra vez mando
que a qualquer hora da noite
que Afonso for procurado,
logo me chamai Bermudo

que pode ser tal o caso
que mal possa esperar
o dar-se remédio ao dano.
Não deve o que rege povos
ter tempo para os regalos;
eu sou pai, eles meus filhos
e não hei-de eu, desvelado,
procurar manter em paz
a uns filhos que me ganham
com o suor de seus rostos [15v]
o sustento, e ser-lhe ingrato?
Era tentar aos céus
não cuidar em libertá-los
no tempo, em que oprimidos
estão de jugo tão áspero?

BERMUDO: Desde hoje eu cumprirei
quanto me haveis ordenado.

INFANTE: Parti, pois, a conduzir-me
a Egas Moniz, meu aio. (Vai-se.)

BERMUDO: Vou pronto a obedecer-vos
como súbdito cercado.

Queira o céu, régio infante
que teus dias alongando
nos deixe ver de teus frutos
prazeres multiplicados,
por que fique de um tal pai
herdeiro aos seus estados. (Vai-se.)

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Não encontrar me admiro
na oportuna ocasião
um pretendente ao menos
pelas salas deste paço.
Porém, se aqui me recordo
isto é hora de descanso
ou tempo em que o infante
talvez estará jantando...

Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: Amigo Lourenço Viegas. [16]

LOURENÇO: Estimo que aliviado
estejais dos sentimentos
que hoje vos atormentavam
o vosso espírito, amigo.

PAIS: Sim, Lourenço amigo, cano
em vossas vozes achei
colírio ao mal tamanho
que do tristíssimo abismo
libertou meu coração.

LOURENÇO: Porém, que pude eu fazer
em vosso auxílio, se não
vos mereci por amigo
comunicar-me o arcano
que ocultastes a meus ouvidos?

PAIS: Com justíssima razão
me arguis sim D. Lourenço,
mas estareis bem lembrado
que eu vos disse, refutava
ao vosso valor bizarro,
porque a minha desgraça
me não permitia campo
para vos dizer meus males.

LOURENÇO: Porém, já declará-lo
podeis a quem vos estima
como eu...

PAIS: Sim, satisfaço
ao vosso desejo, amigo.
Atendei-me que eu vos falo [16v]
com singeleza de quem
sabe me está escutando
um amigo tão fiel
como vós. (Aparte) Eu me declaro
com Lourenço de uma vez.
Sabei, pois, que o deus vendado
Pôde, sagaz, pela vista
dar em meu peito agasalho
a uma dama... Mal disse,
uma deusa de tal garbo
que vê-la bastou para amá-la
até ò ponto mais alto.
Porém, tão mal sucedido
dos seus, que nunca me olhavam,
fazendo da esquivança

um timbre tal sem olhá-los
que já nunca mais os dela
vi que em mim se empregavam.
Continuei com passeios
meus afectos demonstrando
nas veras com que amava
um rendido coração.
Porém, ela, desdenhosa,
fugindo à ocasião
de ser vista, incentivos
me dava para os assaltos
até que em certa tarde
tive o gosto avantajado [17]
de lhe falar quando menos
o esperava, amigo caro.
Atento, cortês e amante,
lhe expus do peito abrasado
a chama devoradora
que por seus olhos tiranos
me trazia sem sossego,
talvez a morte esperando.
Ouviu-me, e qual onça fera
ou tigre e leão bravo
me disse com fúria ardente:
«E como assim temerário
te arrojias a vez primeira
que me falas, diz, ousado,
expor-me de teus afectos,
as pretensões de teu ânimo?

Tenho pai que me domina,
tenho mãe e tenho irmãos
com quem deveis tratar
a atrevida pretensão».

Disse e, voltando-me as costas,
me deixou em tal espasmo
que sem saber de mim mesmo...

LOURENÇO: (Aparte) Já claramente alcanço
ser Elvira o seu emprego.

PAIS: Fez-vos admiração
em ouvir do meu amor
o tristíssimo acaso? [17v]

LOURENÇO: Sim, Pêro Pais, e dissei-me
essa dama em que grau
de nobreza está, que assim
vos despreza, quando acho
que por fortuna devia
como dita o estimar-vos?

PAIS: Por discreta e por formosa
por seu nascimento, claro
se faz entre nós bem vista,
pois na excelência é tanto
melhor do que eu pelo pai
e ascendentes passados
e a quem nosso infante estima
em seus domínios...

LOURENÇO: Quanto
ao ser ela mais que vós,
quem se humilha exaltado

fica sendo onde o conhecem
como eu sei, e neste caso
como ela vos apontou
que tinha pai e irmãos
a quem devíeis falar
mas está fora de aceitar-vos,
falai a seu pai, amigo.

PAIS: Só o farei, porém, quando
vós fôreis o medianeiro
de meu amor puro e casto.
Eu, por vós, caro Lourenço, [18]
já me prometo o descanso,
que me traz fora de mim
com excesso há dois anos.

LOURENÇO: Se nisso posso servir-vos,
respirar podeis entanto.
Mas quem é o genitor
dessa dama?

Sai BERMUDO.

PAIS: É o honrado...

BERMUDO: Egas Moniz, vosso pai
procura o infante, meu amo.

LOURENÇO: E está ele talvez só.

BERMUDO: Como só? Se desvelado
está nos meios oportunos
de ver livres seus vassalos.

PAIS: O céu lho descubra tal

como todos desejamos.

LOURENÇO: Senhor, Pêro Pais, eu vou
ver-me com o soberano.

O respeito ao vosso exemplo,
falaremos mais de espaço. (Vai-se.)

PAIS: Adeus, caríssimo amigo,
sou vosso humilde criado.

BERMUDO: Permitti-me que eu não deixe
de nosso infante o lado. (Vai-se.)

PAIS: O mesmo Bermudo foi,
Qual Lourenço o meu arcano.
Expór de quem fosse o pai [18v]
do portento que idolatro!
Serei feliz se consigo
de Elvira a estimada mão.
Se eu chego a alcançar no meu lamento
da sonhada esperança alegre um dia;
se eu daquela ingrata o vencimento
consigo, qual vitória alcançaria
a minha alma, então, no esquecimento;
as aflições passadas deixaria,
mas que digo? Enfim, glórias sonhadas,
se tanto há que temer para lográ-las. (Vai-se.)

Acto 2.º

Cena 1.ª

Sala

Sai EGAS e o INFANTE.

EGAS: Do inimigo espiei por mais cautela
postura e forças; está acampado
cinco quartos da vila ao nascente
em um morro de terra que mais alto
se descobre, senhor, e suas tropas
serão, segundo pude observá-los,
até onze mil homens andaluzes,
dos quais, régio infante, teus vassallos
e vizinhos do cerco têm sentido
as violentas entradas dos soldados,
inimigos que em nossas terras fazem [19]
e já muitos dos teus ao desamparo;
deixaram os seus bens por escaparem,
com as vidas. E os frutos sazonados,
que dispostos estão para a colheita
o sustento têm sido dos cavalos
e depois reduzidos por vingança
ao fogo voraz todos os campos...

INFANTE: Por compaixão, Moniz, vos suspendei
que de dor se me parte o coração.

Em que pude ofender-vos, santos céus (tira o chapéu)

para assim castigares meus vassallos?
Puni, senhor, em mim as feias culpas,
em que estão inocentes; amparai-os (cobre-se)
neste aperto. Oh, Egas, desanimo
ao ver os meus povos consternados.
Se já fossem chegadas essas gentes
que de várias partes esperamos...

EGAS: Impossível será, pois vosso aveio
ainda hoje mandastes aos donatários.
Também notar deveis como prudente
é muito justo a que andem ocupados
em colherem os frutos que dos povos
é só prémio de seus frugais trabalhos;
e mal podem sem tempo aproveitarem
o socorro preciso e neste caso
esses quatro mil homens que a teu soldo
vossas ordens estão sempre aguardando
à frente do inimigo os mandes pôr [19v]
por que sirvam de freio a novos danos,
proibindo as entradas que em teus povos
cada hora repetem sem reparo.

INFANTE: Vigilante Moniz, como entenderes
disponde essas gentes; porém, quando
o fizeres, será com tal segredo
que percebê-lo possa esse contrário.

EGAS: Já senhor o pensei da mesma forma.
No silêncio da noite que esperamos,
buscarei que sejais, senhor, servido.

INFANTE: E apenas das comarcas os socorros,

segundo as minhas ordens, forem chegando,
ireis distribuindo as mesmas gentes
onde vós mais julgareis precisas.

EGAS: Estimarei aceitar no que ordenais.

Pêro Pais, grão senhor, vosso vassalo,
há pouco me expôs-vos desse parte
que para comandar os seus soldados
e do tio carecem de um chefe
qual vós fôreis servido nomeá-lo.

INFANTE: E que gente me apronta sabeis vós?

EGAS: Diz que tem deles e tio cento e tantos.

INFANTE: Ora, pois, e quem julgais vós por digno?

EGAS: Por vontade de Pais está nomeado,
mas é muito rapaz sem experiência
e na guerra é preciso um capitão
de idade maior para o respeito.

INFANTE: Pois quem é? Dizei, Egas, nomeai-o. [20]

EGAS: É Lourenço, senhor, mas muito rapaz
que ‘inda não chega a ter os trinta anos.

INFANTE: Pois o tio de Pais, dizei, não podia
aos súbditos mesmos comandá-los?

EGAS: Por faltar de saúde e não de brios
está, senhor, por velho dispensado.

INFANTE: Pois em tal caso, eu quero a Pêro Pais
o mesmo eleger que ele há ‘pontado.

EGAS: O mesmo, grão Senhor? Porém, Lourenço
é para tanta honra muito muchacho.

INFANTE: São tão poucas as provas de valor
que deu em Valdevez de esforçado

ao conseguir por ele uma vitória?

EGAS: Acertos de rapaz que por acaso...

INFANTE: Nada mais repliqueis. Vá comandar de País as suas gentes que eu o mando.

EGAS: Pela graça, senhor, que hoje recebo, permiti-me o indulto dessa mão. (Beija-lha.)

INFANTE: Não é graça o que é só de justiça. (Vai-se.)

EGAS: Estimável Afonso, tão amado
o céu te felicite e te prospere
por que chegues a ser no teu reinado
vigilante pastor de tantos filhos
quantos são teus estimáveis vassalos.

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Dou-vos parte, senhor, que um mensageiro vos aguarda para comunicar-vos.

EGAS: Prontamente, Bermudo, como é justo [20v]
eu já vou, diligente, a escutá-lo. (Vai-se.)

BERMUDO: Que proceder honrado tem Moniz,
que estimável vassalo, que bom velho;
quanto pronto está para os trabalhos
como ágil para dar os bons conselhos
e que feliz não é quem ao seu lado
tem a um Egas Moniz para os acertos;
em seus ombros sustém como valente
da real monarquia o maior peso;
desvelado acode a toda a parte,
sem faltar à inteireza do governo.

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Será hora talvez que a nosso infante
eu lhe fala, Bermudo?

BERMUDO: Não me atrevo
que o façais. D. Lourenço, sim, entrai.

LOURENÇO: Só por beijar-lhe a mão, Bermudo, entro. (Vai-se.)

BERMUDO: Pai e filhos de honrados procederes
trazem já pelo antigo nascimento
descendência feliz de heróis preclaros,
honradores de grandes e pequenos. (Vai-se.)

Sai PÊRO PAIS.

PAIS: Que eu de contínuo traga
impresso em meu pensamento
a uma ingrata Elvira,
roubadora do sossego,
que minha alma possuía
antes que esse deus cego [21]
dos amores sagazmente
me introduzisse no peito,
pela vista de meus olhos,
aquele roedor veneno,
que mata sem consumir
a matéria do alimento.
Quando chegarei a ver-me
naquele antigo sossego

que minha alma por amante
por ti, ingrata, perdeu...
Porém, que fortuna é esta (olhando para dentro)
não esperada? O que vejo?
Dona Teresa e Elvira!
Eu com vê-la desalento.

Sai D. ELVIRA e D. TERESA.

TERESA: Vinde, filha D. Elvira.

Aqui estais senhor D. Pêro...

PAIS: Para vos servir, senhora,
bem que indigno, me ofereço,
se permitis que vos chegue
aqui servir de escudeiro.

ELVIRA: Sois muito alto para criado,
para tão baixo emprego.

TERESA: O senhor dom Pêro Pais
nunca perde o lance a tento.

ELVIRA: Capricha como quem é,
nas acções sê cavalheiro.

PAIS: Na oferta que vos faço [21v]
cumpro só com o que devo.

TERESA: Eu vos rogo que por ora
não passeis daí dom Pêro,
pois em tão breve caminho
o irmos sós bem podemos.

PAIS: Que seja eu tão infeliz
que não chegue a merecer-vos

por graça o aceitar-me
quanto rogo e vos ofereço.

Senhora dona Teresa
um reverente obséquio
refutais; vede que em tal
fazeis desgosto a meu peito.

TERESA: Senhor D. Pêro, bem sei
que sois muito civil e atento,
mas não quisera aqui dar-vos
tal incómodo; bem vejo
que a oferta que nos fazeis
é político cortejo,
filho da urbanidade
de vosso ânimo sincero
e não porque em mim acheis
para tal merecimentos.

PAIS: Com que a graça que suplico
não aceitais com efeito.

ELVIRA: Por vos fazer essa graça
satisfazei vosso empenho.

Vamos, senhor Pêro Pais, [22]
fazei vezes de escudeiro.

PAIS: Tanto me honro em servir-vos
que sou quem favor recebo.

Senhora dona Teresa, vinde.

TERESA: Alcançaste o vencimento
por político; D. Elvira
tenha o lugar primeiro,
vá adiante que é menina,

merecedora de obséquios.

PAIS: Igualmente sirvo a ambas,
porque uma e outra venero.

(Aparte) Que feliz dita alcança (com atenção a Elvira)
este meu extremoso peito.

ELVIRA: (Aparte) Qual ficara Pêro Pais
com tal dita satisfeito.

Já vossos passos seguimos,
andai, pois, senhor D. Pêro. (Indo as duas.)

PAIS: A licença que me dais
qual vosso criado aceito.

Qual fortuna não consigo
em me aceitar o obséquio!

Não sei como o caro amigo
e vosso irmão D. Lourenço
vos não veio acompanhando,
pelo muito que é de atento.

ELVIRA: Mal poderia ao estar
com o nosso infante lá dentro,
enquanto nós por visita [22v]
com as infantas estivemos.

PAIS: De mil finezas eu sou
devedor a dom Lourenço.
Servi-vos deste meu braço.

ELVIRA: Sossegai-vos que a seu tempo...

PAIS: Logo esperança me dais...

ELVIRA: Andai, senhor escudeiro.

TERESA: (Aparte) Já presumo entre os dois
correspondências de afectos.

Vamos ou talvez se espere
que chegue o filho Lourenço.

PAIS: Esperava as vossas ordens.

ELVIRA e TERESA: Pois que partamos ordeno. (Vão-se.)

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Que desvelos não custam òs reinantes
o conservar em paz a seus vassalos.

O nosso infante os ama como a filhos
ou carinhoso pai mais desvelado.

Porém, qual poder houve a segurar-se
na inconstância da roda que virando
seu violento noto para os azares

ao que até ali ergueu deixe prostrado
os seus gostos enchendo de tristezas
e as que já ditas foram sejam prantos.

Nada estável no mundo se contempla
e o que agora é firme logo vário.

Assim nós ao lograr a paz tranquila
julgávamos durável bem tamanho, [23]
quando, logo e sem tal o presumirmos,
nos vimos de improviso atacados
por Afonso sexto de Castela.

Há de novo com guerra inquietar-nos,
com repentino cerco a Guimarães,
de Lanhoso o castelo presidiado
de gentes castelhanas e a rainha
com o conde Fernando rebelados;

aquela contra o filho que gerara
e este contra os parentes, al ingratos
e contra os amigos e patrícios
e o mais contra um infante amado
de quem mil benefícios recebera;
se tudo se voltou/votou em nosso estrago,
por nós acudirá a mão suprema,
que sempre foi de aflitos o amparo
natural; é defesa ao oprimido,
quando este leva o escudo da razão. (Vai-se.)

Cena 2.^a

Real barraca de campanha, soldados e abarracamento ao longe. Saem guardas reais, o CONDE D. FERNANDO e EL-REI D. AFONSO.

CONDE: Do não esperado cerco está o infante,
segundo a notícia, admirado
e em sua casa espera a toda a hora
de tuas armas algum fero assalto.

REI: Já há dias que espero uma partida [23v]
e vos atesto, conde, que em chegando
o cerco apertarei até entrar-lhe
a vila em que está fortificado.

CONDE: Se o vencê-lo está na brevidade,
não espereis que cheguem donatários
com as gentes que terão das colheitas
e apanharem seus pães que aconchegando...

REI: Verei mais que vencer, porque nem sempre
favores e a fortuna aos ousados,
nem sempre os acompanha, algumas vezes
lhes falseia o que têm premeditado.
Mas não reparais, conde, que até agora
se não vê do infante um só soldado
aparecer em toda a redondeza
em que os meus há desoras estão postados?

CONDE: Grande espera, senhor, já me tem feito,
atendendo ao seu ardor tamanho,
nem eu sei com' o infante já suporta
a teus guerreiros ver em os seus campos,
fazendo hostilidades a seus povos,
entrando e saindo a seu salvo;
eu, senhor, desconfio que aqui haja
oculto pensamento a nós vedado.
(Aparte) Se como em Valdevez fores vencido,
na cabeça ao infante pões um louro.

REI: Sentinelas mandai que prontas sempre
do inimigo lhe espiem os seus passos.

CONDE: Tudo já grão senhor está disposto, [24]
mas novamente irei recomendá-lo. (Vai-se.)

REI: A não ter/ser minha via/vida empenhada
na ruptura presente de que trato,
eu não empreenderia contra um primo
por forma alguma a guerra que lhe faço.
Mas lembra-me a perda em Valdevez,
em que as vidas perdi de mil soldados,
e não foi pouco o escapar eu com ela.

Na memória impressa sempre trago
a lembrança da minha sorte avessa,
mal ferido em terra e sem cavalo,
de ser preso ou morto me escapei,
por vir a ser flagelo de atentados,
tomar justa vingança das ofensas,
que, então, lá recebi dos lusitanos.

Sai o CONDE.

CONDE: Está ali Egas Moniz, que foi de Afonso
vosso primo, o infante, o seu aio,
que hoje a novo emprego está subido
de primeiro ministro e secretário,
o qual roga licença, grão senhor,
de audiência lhe dares por falar-vos.

REI: E dizei-me, vem só o honrado velho?

CONDE: Somente em companhia de um criado.

REI: Pois que entre sim, Conde conduzi-mo.

CONDE: Obedeço, senhor.

REI: Mas qual motivo
terá Egas Moniz, seu secretário, [24v]
de procurar falar-me em conjuntura
que tenho a seu infante sitiado?
Talvez venha rogar-me por concerto
para que entre nós pazes se façam...
Em cedendo os lugares que em Galiza
seu infante possui e em Leão,
levantarei o cerco prontamente

por que fique assim desafrontado,
que os motivos da mãe é bem lhe oculte
pelo que alcancei de dom Fernando;
nenhum motivo há que uma mãe
ao filho deixasse, e abandonando
o sangue que gerou... Porém, Moniz
o real pavilhão vem já entrando,
em sossego, com plácido semblante.
É preciso lhe escute o seu recado.

Sai EGAS e o CONDE, que se retira.

EGAS: Esclarecido Afonso, rei potente,
de quem a fama ao orbe tem espalhado,
tuas raras proezas por cem bocas
e aturdido ao mundo com os brados
de imperador famoso das espanhas,
apesar de invejosos temerários,
despótico senhor de tantos reinos,
que estás hoje em sossego governando,
prostrado a teus pés tens este velho (ajoelha-se)
que de Afonso, teu primo, é criado,
aquele a quem seu pai o entregou [25]
em mantilhas ainda enfaixado...

REI: Levantai-vos bom velho, Egas Moniz,
e continuar podeis vosso recado. (Levanta-se.)

EGAS: Como digo, senhor, eu o criei
com desvelo e amor mais do que aio.
Faltou-lhe o genitor e pai aos povos,

que assim este àquele lhe chamavam.
Ficou ‘inda o infante em tenra idade
como herdeiro do pai aos seus estados.
Eu não sei qual motivo ele desse
a ser do amor materno abandonado,
pois sempre encontrou em meus conselhos
que obediente fosse ao real mando.
Não sei, torno a dizer, qual causa desse
a perder de uma mãe o régio agrado.
O mesmo infante ignora, grão senhor,
o retiro da mãe inesperado
e para logo sentir de vossas armas,
o cerco de Guimarães; este assalto
me causou novidade, pois não julgo
ter-vos dado o infante ocasião
para tão repentino o assaltares.
Eu, senhor, sou aquele Egas Moniz,
entre os seus conselheiros o vassalo,
a quem ele, por graça, ouve atento
e a quem conferiu seu secretário.
O amor que lhe tenho, rei invicto,
me constrange o vê-lo desvelado [25v]
neste lance presente ou neste cerco
pelo alívio buscar a seus vassalos.
REI: Mas de mim que quereis? Dizei, Moniz.
Talvez pretende Afonso, vosso amo...
EGAS: Ah senhor, ele ignora a minha vinda,
eu sou o autor da súplica que faço.
E se motivo tendes para o cerco,

invicto rei Afonso, declarai-mo,
que se aqui puder dar-se algum remédio,
tendes Egas Moniz, seu secretário
pronto; em quanto fizer a bem da pátria
será por vosso primo confirmado.

REI: São tantos os motivos que eu tenho
e escândalos de Afonso, vosso amo,
que já agora protesta que a espada
que contra ele tenho arrancado
não tornar à bainha sem que entre
não somente a vila mas os paços.

EGAS: Porém, a um primo vosso e parente
eu não posso alcançar qual é a razão
de perturbar-se a paz e a harmonia
entre dois tão chegados na união,
que o sangue real nos prometia.

Não sei, torno a dizer, da estranha acção,
que impensado repente haveria,
ver-vos contra um primo tão criado
lhe opores no extremo de cercado.

Se eu soubera pintar-vos bem ao vivo [26]
de vosso primo Afonso os seus cuidados
já bramando de ira e compassivo
vendo aos povos queixar-se atenuados;
diligente buscar-lhe o lenitivo
do mal que os aflige consternados,
que revolvendo em si mil pensamentos,
ora elege e refuta seus intentos.

Tem junto em breve tempo tal porção

de soldados, senhor, tão presumidos
que bramam por chegar a ocasião
de empregarem seus golpes destemidos;
por defesa da pátria, em conclusão,
tem já mais de oito mil homens valentes,
isto além dos que espera diligentes.

REI: Pois disse-me, bom Egas, o infante
com efeito, pretende o disputar-me
o cerco que lhe pus ou de lisante
presume outra vez o incitar-me
a mostrar que o revés da inconstante
fortuna uma vez há-de amparar-me,
pois nem sempre a sorte aos ousados
favorece, que é vária aos atentados.

EGAS: Eu só dizer-vos posso, grão senhor,
que a suster têm custado os guerreiros,
pois parecem de impulso superior
os esforços que mostram verdadeiros
e agitados seus peitos do furor
lhe disputam de quais serão primeiros, [26v]
pois desprezando a vida e mais perigos
desalojar prometem inimigos.

Eu sinto, grão senhor, que os portugueses,
ignorando o motivo da opressão
excessivos intentam muitas vezes
à lança e à espada deitar mão,
empregando-as em segundos reveses,
por mostrar a Castela a conclusão,
da que esperam ganhar nova vitória,

que já cantam por sua com vanglória,
ufanos da primeira acção obrada,
a segunda já acusam na tardança,
e tal certeza têm de ser ganhada
que os parabéns se dão e em confiança
impacientes murmuram que cercada
esteja uma nação de tal pujança
e ao infante requerem à porfia
do combate lhe assine hora e dia.

Estes são, grande Afonso, os sentimentos
das gentes portuguesas de presente
e os que revolvem hoje pensamentos
é dar-vos um assalto de repente.

Mudai, pois, grande monarca, os intentos
evitando a ruína a vossa gente,
o cerco levantai sem prejuízo,
quando sério vos faço este aviso.

REI: E quer-me Egas Moniz capacitar
que eu obre uma acção indecorosa [27]
à minha soberania; o levantar
o cerco era mostrar que temerosa
sinto a luta; eu tenho para arriscar
nesta que intento expor acção famosa;
gente na disciplina experimentada
que valente se oferece e esforçada.

EGAS: É mudar de conselho acção prudente,
ao seguir-se o melhor, mais acertado.
Nem traz nota consigo certamente,
antes dá uma prova de acordado.

Suprimi o impulso à cega gente,
que sempre o vulgo é desatentado
e poucas vezes s' urdem os intentos
que pintaram aéreos pensamentos.

Além de que, senhor, serve o estragares
vossa gente em guerra contra amigos;
mais do agrado do céu se a empregares
nesses maometanos inimigos.

Quereis, talvez, que o mouro em tais azares
novas terras vos tomem sem perigos,
enquanto vos observa empenhado
contra um vosso parente tão chegado.

Reflecti, grande Afonso, sem paixão
e usai melhor do vosso entendimento,
pois sabeis da errada sem-razão
nunca fruto recolhe sem lamento.

No que exponho fazei mais reflexão
e perdoai-me o meu atrevimento, [27v]
mas estas cãs, senhor, e os meus anos
evitar procuram novos danos.

Se o infante, senhor, tem delinquido
ou contra vós obrado sem respeito,
pronto está vir convosco apartado
até ficares em tudo satisfeito.

REI: Do que é meu o infante surpreendido
uns lugares me tem contra o direito
e enquanto me não forem entregados,
Guimarães generá com os cercados.

EGAS: Pois que dúvida haver pode no infante

em ceder os lugares que dizeis?

Se vos tocam, senhor, é bem constante
que levantado o cerco os cobrareis.

REI: Que seguro me dais sem ser errante
de quanto aqui, Moniz, me prometes?

EGAS: Eu, senhor, com meus filhos e mulher,
quando falta alguma nisso houver.

REI: Seguro em vossa fé, pois sois honrado.

Amanhã vos prometo o levantar
o cerco e ficareis desafrontado.

Buscai de cumprimento a tudo dar,
quando não vos promete mais criado
que de todos vingança hei-de tomar.

EGAS: Minha esposa, os filhos e eu em reféns,
obrigados ao cumprimento tens.

REI: Parti, pois, bom Moniz, a vosso infante,
contai-lhe o que entre nós se tem tratado. [28]

Mas pensai que se ele variante
duvidar do que temos praticado
que eu estou predisposto e constante,
pronto a dar o assalto ao cercado.

EGAS: Parto, pois, ao infante cuidadoso. (Indo.)
(Aparte) De prazer eu não caibo em mim de gozo.

REI: Que felice não é com tal vassalo
meu primo, dom Afonso; oh que extremo
de lealdade aquela por seu amo;
expor-se a perder a própria vida,
da mulher e dos filhos, oh que honrado,
raríssimo exemplo que no mundo

outro se possa achar bem por acaso.
Porém, se dom Afonso não estiver
pelo que entre nós está praticado,
sim, farei em despique da afronta,
sobre todos as iras derramando,
voraz fogo que abraze e que consuma
e vereis sobre as terras vivo raio... (Vai-se.)

Cena 3.^a

Gabinete

Sai EGAS ao INFANTE.

INFANTE: Que se levante o cerco ou não levante,
eu não estou pelo vosso praticado.

Dei-vos eu, me dizei, Egas Moniz
para esses ajustes comissão?

EGAS: Porém, eu vi, senhor, aos vossos povos
aflitos de opressões e consternados. [28v]

A nossa pouca gente que não chega...

INFANTE: Com que são seis mil homens tal porção
que não pudesse opor-me ao de Castela,
despeitando-lhe o cerco nesse campo.

EGAS: Seis mil homens, senhor, para onze mil...

INFANTE: Menos que esses em Valdevez bastaram
a ganhar-lhe a vitória foi, Moniz,
nunca vistas vencer sem igualado,
poder entre as armas a fortuna,

como vós lhe chamais, sonho pensado;
variável se mostra a todo o instante,
ora a temidos e ora a temerários.

EGAS: Enfim, senhor, eu prometi a el rei
a entrega das terras, se eu falto...

INFANTE: Mas quais terras são essas me dizei.

Agora é que vós estais sonhando!

A meu primo não devo terra alguma;
os que tenho lugares são ganhados,
aos fios da espada destruindo,
a esses agarenos e africanos,
o mais veio em dote a meu pai conde,
de quem eu, como filho, os hei herdado.

EGAS: Porém, minha palavra a um rei dada...

Qual será a que lhe dê satisfação?

REI: Sem meu consentimento o que ajustaste,
fica nada valendo secretário.

EGAS: Ah senhor, se soubesses que esta vida
Corre perigo fatal... [29]

INFANTE: Um secretário,
sem meu consentimento, mal podia
tais ajustes fazer.

EGAS: Estou obrigado
a dar a vosso primo como é justo
cumprimento por mim como honrado,
visto que eu fui a ele e sem que vós
mo ordenasses.

INFANTE: Dai-lhe a satisfação
que julgares melhor, como já disse. (Vai-se.)

EGAS: E são estes os lucros que hei tirado
do meu grande desvelo em procurar
o alívio dos povos deste estado!
E assim o infante D. Afonso.
me diz que desse eu a um soberano
a satisfação que a mim bem parecer.
Ah, mísero Egas e a que estado
te chegou o teu zelo pela pátria.
Mas que digo? Sou eu talvez máximo
ou primeiro exemplo que no mundo
perda a vida por salvar o estado
do seu príncipe? Não. Pois como temo
ao dar eu a minha? Ah Moniz fraco,
faz-te horror uma morte que dá vida?
Não, por certo. Oh Egas, morre honrado,
mas Afonso sujeito estou a dar-lhe
cumprimento do ajuste praticado
mas quando ele cumpra o prometido [29v]
em levantar o cerco posto ao estado
então faltar não devo ao que ajustei
com Afonso que é rei muito soberano. (Indo.)

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Senhor, o infante há pouco...

EGAS: Me buscou.

De estar com ele há muito breve espaço.

LOURENÇO: E também sabereis... Me confesso
com a honra de ser distinto cabo

da gente que oferece para a guerra

Pêro Pais e seu tio Dom Pelaio.

EGAS: Tudo sei já, Lourenço, e que obraste?

LOURENÇO: Pela graça que o nosso soberano
hoje me fez senhor atentamente.

Eu lhe beijei prostrado a real mão,
sujeitando-me em tudo a seus preceitos.

EGAS: Mas eu julgo faltar-te ocasião
de mostrares no encontro que esperas
os esforços de um novo capitão.

LOURENÇO: Mas dissei-me, senhor, e qual motivo
há de novo? Talvez algum tratado
ou levanta-se o cerco a Guimarães?

EGAS: Por ora eu não sei... Até amanhã. (Vai-se.)

LOURENÇO: Que não sabe o porquê meu pai me diz,
mas segui-lo... Será que um secretário
os segredos não devem revelar-se
que com os seus senhores têm tratado? (Indo.)

Sai D. PÊRO PAIS. [30]

PAIS: Estimável amigo, ao grande Egas,
vosso pai, encontrei vindo do paço.

Algumas novidades, me dizes, há?

Porque olhei ao eu cumprimentá-lo
melancólico e triste o semblante,
quando nele é muito ao contrário.

Relatai-me o motivo se o sabeis,
se não é que há segredo em contar-mo.

LOURENÇO: Qual segredo haveria em meu peito
que o recatasse a vós, amigo caro?
Nada sei que vos diga de meu pai,
só que o nosso infante soberano
nomeou para as gentes que mandastes
a Lourenço Viegas por seu cabo,
mas, senhor Pêro Pais, eu advirto
que um mais experiente a comandá-los...

PAIS: Mas quem em Valdevez deu tantas provas
de valente guerreiro tão esforçado
não é muito que seja conferido
em um posto qual é o de capitão.
Obrou atentamente o nosso infante
e o mesmo que eu estava desejando.

LOURENÇO: Sei o quanto vos devo amigo Pais.
Como vai o vosso empenho namorado?

PAIS: Eu esperando que vós oreis por mim.

LOURENÇO: E a quem devo falar sem... Declarai-mo.

PAIS: Não vos admireis de que aqui chegasse
a declarar-me convosco, expressando [30v]
de meu amante peito os sentimentos.

Se vos fiz sabedor do meu arcano,
de vós pende o meu feliz sucesso.

Da amada dona Elvira sois irmão,
ela é aquela dama por quem eu...

LOURENÇO: Percebo o que dizeis, já tudo alcanço.
Pretendeis dona Elvira para esposa,
já me alegro de esperar-vos cunhado.

PAIS: Maior dita consigo: aparentar-me

eu convosco, amigo; um pai honrado
que o céu vos concedeu e as qualidades
que hoje lhe possui em secretário
do nosso real infante. Eram motivos
poderosos que me desanimavam
de chegar a falar-vos claramente.

D. Elvira adoro e já dois anos,
mas agora respiro ao ver que vês.
Patrocinais a causa do afilhado?

LOURENÇO: Sim, amigo. Eu julgo D. Elvira
não desestimar este bom laço,
quando lucra em ter-vos por esposo.
Não o que possuís também morgado,
um consorte estimável por galã,
prenda que elas em procurar se empenham.

PAIS: Porém, eu a seus olhos me conheço
com prendas de agradar-lhe muito falto.
Perdoai-me, Lourenço, que assim fale,
mas a amizade vossa me deu campo [31]
a expor-vos do peito os sentimentos
por que uma vez respire o coração.

LOURENÇO: Satisfeito sereis, mas a seu tempo
que é preciso esperar a ocasião
de falar a meu pai e dona Teresa,
que de mãe o lugar está ocupando.
Do seu consentimento eu vos prometo
que uma boa certeza posso dar-vos.
Agora de Elvira bem sabeis
que sem ela querer não há contrato.

Ofereci-me para tudo o que valesse
e eu assim vos prometo executá-lo.

PAIS: Por vós espero ter a paz tranquila
que meu peito estava desejando.

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Como nunca jamais vi nosso infante
de espírito inquieto e perturbado...

LOURENÇO: Mas vós de quem falais? Dizei Bermudo.

PAIS: Pois o que há de novo? Explicai-vos.

BERMUDO: Nosso infante, senhores, desconheço
por seus gestos e modos nunca ousados;
seus olhos em voraz fogo ardente
qual o feroz leão lhe cintilavam,
a mil partes a vista revolvendo
sem sossego, inquieta, a mim olhando
para logo de objecto faz mudança
e em contínuo giro a outro lado,
inquieto os revolve e desta sorte [31v]
não descobrindo eu nele ira ou pranto
me retirei aqui só por não ver-lhe
seu espírito aflito e consternado.

LOURENÇO: Porém, vós o deixais, dizei Bermudo,
Oferecido a ver-se em desamparo,
quando mais o precisa? Não é justo.
Daqui a nosso infante nos partamos, (indo)
segui-me, Pêro Pais, e vós, Bermudo.

PAIS: Seguirei, sim, amigo, todos vamos. (Indo.)

BERMUDO: Acompanhar a quem por leis e afectos...

TODOS: De justiça devemos por vassalos. (Vão-se.)

Acto 3.º

Cena 1.ª

Sala de Egas

Sai D. LOURENÇO e EGAS MONIZ.

LOURENÇO: E que respondeu o infante ao proposto?

EGAS: Que satisfaça eu ao prometido,
como bem entendesse, ou ser melhor,
que ele terras não tinha de seu primo
para cumprir promessas que eu fizera
e sem que ele por tal desse com isso.

LOURENÇO: E que intentais fazer vós nesse caso?

EGAS: Mal to posso dizer ainda, filho,
descubra-me o céu um meio justo
de ficar com el rei absolvido. [32]
Porém, quando o não ache em tal caso,
ao ficar os mais bem, eu só mal fico.

Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: Com licença de um vosso criado
entrei, senhor dom Egas, se atrevido
eu obrei entrando...

EGAS: Tendes licença,
senhor dom Pêro Pais, e advirto
que de hoje avante a não tomeis,

quando por cavalheiro sois distinto.

PAIS: Como devo, vos fico obrigado.

Senhor, Lourenço, Egas, caro amigo,
sabereis que chegando um feitor
dessas terras de Bastos que meu tio
tem naquelas partes, vira o tal
moverem-se as tropas do inimigo,
levantando o cerco a Guimarães.

EGAS: (Aparte) Agora, sim, que cresce o meu perigo.

PAIS: E notou o feitor que o real carácter
se não moveu e está no mesmo sítio.

Algum tanto podemos respirar,
com mais consolação pelo alívio.

EGAS: Louvores aos céus que já os povos
Livres estão dos flagelos inimigos.

(Aparte) Quando todos contentes se alegram,
eu somente de o pensar me aflijo.

LOURENÇO: O céu, senhor, é justo e como tal
Provera de remédio aos aflitos. [32v]

PAIS: Porém, como assim, senhor dom Egas,
de uma alegre notícia estais súbito?
Eu não sei qual razão vos mortifica,
quando todos com sumo regozijo,
a liberdade aplaudem como é justo.
Só em vós observo um quase indício
de displicência e pouco gostoso.

EGAS: Quando vos for patente um sigilo,
que oculto está, senhor D. Pêro,
alcançareis, então, todo o motivo.

Permite-me licença vá dar parte
de tudo ao nosso infante invicto. (Vai-se.)

LOURENÇO: Muito cedo o feitor partiu de Bastos,
Quando apenas o sol mal é nascido.

PAIS: Mas, senhor D. Lourenço, estou pensando
que ao dar a notícia do alívio
a vosso amado pai se estremeceu.
Se é possível, contai-me o motivo
do transporte que fez o seu semblante,
ao ouvir só dizer que o inimigo
voluntário o cerco levantara.

LOURENÇO: Perdoai-me, porém, estou impedido
a não poder contar-vos quanto sei
neste caso presente, sim amigo?
E a seu tempo, se vez, fará constante.

PAIS: E posso eu, me dizei, em tal servir-vos?
Minha vida e fazenda, tudo está
pronto a vosso dispor, como vos digo. [33]

LOURENÇO: Senhor D. Pêro, não, que mal podeis
com valor nem fazenda o servir-nos
que é de peso maior, mais considerável.

PAIS: Pois padece a honra, a vida, perigo?
Pelo vosso silêncio, estais disposto
a padecer sem descobrir colírio.
E que não haja em mim valor que possa,
estimado Lourenço, o remir-vos!
Pois se a vida e fazenda nada vale...

LOURENÇO: Qualquer dessas ofertas, caro amigo,
são em si estimáveis, mas de nada

podem, senhor D. Pêro, hoje servir-nos.

Sossegai que piedoso o céu dará

a nosso grão pesar algum alívio.

PAIS: Com que chego eu a ser tão infeliz

ou tanto sem valor que a vossos perigos

não possa acudir Deus poderoso.

Socorrei na aflição ao meu amigo.

Permeti-me licença, dom Lourenço

que tenho de ir a ver-me com meu tio. (Vai-se.)

LOURENÇO: O céu vos acompanhe Pêro Pais.

Que não esperado caso ou conflito,

eu me perturbo só de aqui pensá-lo.

É possível... Será que o céu divino...

Sai D. TERESA.

TERESA: Em que cuidais, Lourenço? Que há de novo?

Onde está vosso pai, esposo querido?

Sabeis, talvez, a causa a seus desgostos. [33v]

Nada me oculteis, dissei-mo filho.

Toda a passada noite eu notei nele

dando voltas no leito com gemidos,

levantar-se tão cedo ir aos paços,

que julgo tomaria esse caminho.

LOURENÇO: Foi ao nosso infante dar a nova

que levantando o cerco o inimigo,

de manhã está livre Guimarães.

TERESA: Como é justo, tal notícia estimo.

Porém, de vosso pai nada sabeis
ou qual seja a razão que dá motivo
ao seu grande desgosto, que padece?

LOURENÇO: Tudo ignoro ainda que sou filho
e alcançar até ‘gora ‘inda não pude
o arcano que o traz tão confundido.
Partir quero aos paços do infante.
Porém, ele chega.

TERESA: Mas aflito.

Sai EGAS MONIZ, aflito.

EGAS: Estimável consorte, vós tão cedo...

Vai chamar tua irmã, querido filho.
Prontamente a traze, venham todos
que é justo que cheguem a juízo.

LOURENÇO: Obediente parto às vossas ordens.

TERESA: Pois que sucede, esposo? O que é isto?
Suspensa não tendes esta minha alma,
de angústias terás meu peito aflito
e a quem como eu vos ama não é justo [34]
reserveis do pesar os seus motivos.

Sai D. LOURENÇO.

LOURENÇO: Já, senhor, chega Elvira a vossas ordens,
bem que muito mal pronta de vestidos.

Sai D. ELVIRA ‘inda pregando-se.

ELVIRA: A vossas ordens venho, amado pai.

EGAS: Estimada consorte, amados filhos,
atentos me escutai aqui as vozes
que me saem do coração aflito.

Sabei, pois, que ontem fui ao rei Afonso
de Castela falar-lhe sem que o primo
seu e nosso infante o soubesse.

Pelo zelo dos povos constringidos,
em que os via gemendo por Castela,
fui-lhe, a tento, a razão bem inquirindo
de cercar Guimarães com suas tropas
e guerra declarando a seu primo.

Fútil foi a razão que ele me deu
e sem outra aparente, o mais suprimo.

Fiz-lhe querer, ardiloso, as muitas gentes,
que, voluntárias, tinham concorrido
ao nosso infante, por salvá-lo
daquele que julgavam leve perigo.

Mostrei-lhe mais valera que com mouros
experiência fizera de seus brios
e que os portugueses estavam tais
daquela sem-razão enfurecidos
que a os não suprimir o mesmo infante [34v]
aos cercadores teriam ferido
que oito mil homens tínhamos valentes,
além dos que chegavam de contino.

E além destas razões e outras mais

que bem soube expor-lhe ao vivo,
o obriguei a que ele promettesse
o cerco levantar aos oprimidos,
em troco de uns lugares que o infante
em Galiza e Leão está possuindo.

LOURENÇO: Pois, se o cerco, senhor, já levantou
e em sossego estamos, dê-lhe o primo
os lugares que pede o de Castela.

EGAS: Assim, devia ser amado filho,
mas o infante me disse e com verdade
que não está dele terras possuindo
e eu prometi a Afonso que o infante,
em levantando o cerco, ele, seu primo,
para logo os lugares cederia,
como eu esperava de seu brio.

TERESA: Essa satisfação tome o de Espanha
ao infante Afonso que vós nisso
o culpado não sois, como entendo.

EGAS: Agora vos direi qual o motivo
chega a ser o porquê estou obrigado
satisfazer Afonso, rei invicto.
Prometi-lhe na falta do infante
minha vida, a vossa e a dos filhos.

ELVIRA: Que ouço?! Ai de mim! Oh, santos céus! [35]
E disposto estais a bem cumpri-lo?

EGAS: E porque não? Ò Filha, faz-te horror
a morte? Ah, feminil espírito.
É melhor o ouvir-se a todo o instante
infamar-se-me o sangue esclarecido?

Aquele que até agora foi na Espanha
em acções pela fama aplaudido;
pactear um vassalo qual eu sou
com um rei soberano tão distinto
um concerto e faltar Egas Moniz,
como um vil, ò que havia prometido.

TERESA: Não, senhor dom Egas, vossa esposa
Não permite falteis ao vosso brio.
Sim, não temo a morte e se eu pudesse
com a minha salvar a do marido,
por que a honra salvásseis e ficando
ao depois de eu morrer vós ‘inda vivo,
escutando os aplausos mais sonoros,
que por salvar a pátria dos perigos
a vida desprezei como valente;
por salvar vossa vida e a dos filhos
eu de boa vontade a entregara,
que não é a vez primeira que se viu
no mundo o oferecer-se uma consorte
a morrer pelo esposo num suplício.

LOURENÇO: Eu vos devo por pai o ser que tenho.
Não recuso a morte por que vivo
fique no mundo um exemplo raro [35v]
do vosso cumprimento esclarecido.

ELVIRA: Eu também, pai amado, em lance tal
filha obediente irei seguindo
vossos passos, senhor, só por livrar-vos
ao débito a que estais oferecido.

EGAS: Graças rendo aos céus, porque constantes

vejo aos inocentes oferecidos
a dar comigo as vidas por cumprir
quanto um pai lá havia prometido.
Agora é que sois prendas estimadas
de mim à alma pedaços, caros filhos (abraçam),
perdoai-me o excesso com que andei
na oferta da vida que vos tiro,
mas pelo bem da pátria todo o excesso
é diminuto sim, não excessivo.
Senhora D. Teresa e cara esposa
de quem já escutaram meus ouvidos
oferece-vos à morte tão constante
‘té a dareis por mim em um patíbulo,
chegai aos meus braços, porque julgo (abraçam)
será este entre nós, cara, o último.
Valorosa heroína, que constante,
do frágil sexo o fazes desperdício;
viverás, sim, na eterna duração
desses vindouros tempos com o título
de oferecer voluntária a cabeça
por salvars a honra do marido.

TERESA: Sim, consorte amado, se eu pudesse, [36]
como disse, o morrer deixar-vos vivo.

EGAS: Não, estimada esposa, eu passarei
pelo mesmo que vós e que meus filhos.

LOURENÇO: E quando pretendeis ir a el rei?

EGAS: Na prontidão está o bom serviço.

ELVIRA: Pois, tão breve quereis dar cumprimento...

EGAS: Para o que devo, tarde. Afonso invicto

seu cerco tirou a Guimarães,
que mais devo eu esperar? Dizei-me filhos.

LOURENÇO: Pois, senhor, que esperais? Prontos estamos.

EGAS: Senhora D. Teresa, peito heroíno;
filha Elvira, atende, vai para dentro,
a mudar desse traje um vestido
que julgares humilde e o mais pobre
vestirás, porque assim nos é preciso;
e tu, Lourenço, vai e fazei o mesmo,
que para outro tanto eu te sigo.

TERESA: Vamos, pois, cara filha, vinde Elvira.

ELVIRA: Já senhora me apronto e despindo
este irei, que ainda mal pregado. (Desprega-se e vai-se.)

LOURENÇO: Tomarei de um criado o vestido.

EGAS: Não, ouve-me, Lourenço, a triste cena,
que a representar vamos de abatidos,
nos permite somente de um gabão,
a quem aperte só um pobre cinto
que eu te entregarei quando for tempo.

LOURENÇO: Aprontar-me já parto tudo isso. (Vai-se.)

EGAS: Chegou, enfim, ah, Egas, dia infausto, [36v]
que talvez para mim será o último.

Afonso sexto, vamos oferecer-nos;
se o infante não deve a seu primo
terra alguma, lhe devo eu tudo quanto
com ele pactiei, veja oferecido
os reféns do ajuste. Prontamente
ele o cerco levante e eu cumprindo
como devo e posso, com a vida

da consorte amada e dos filhos.
Ao pensar em tal de dor se parte
em meu peito o coração aflito.
Ternos pedaços d'alma, al nunca eu...
Mas que ias, ò Egas, proferindo?
Não morrem eles honrados com seu pai?
Por libertar a pátria dos perigos,
que menos devereis vós fazer
do que fez em Numância um Hostílio
que, manietado, ele se entregou
aos próprios numâncios inimigos
com os descalços pés e uma túnica
de que muito pobrementemente ia vestido.
Ao ver tinham faltado os romanos
ao que ele ajustou com os numâncinos.
O caminho trilhado deste exemplo
qual seu imitador eu hoje sigo.
Mas com esta diferença se advirta
que acolá morreu somente Hostílio.
Porém, em Lusitânia morre um Egas [37]
pela pátria, com esposa e filhos. (Vai-se.)

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Que novidade é esta em toda a parte?
Observo um silêncio, o que é isto?
Não me atrevo a passar a outra sala,
porque temo de ser repreendido.

Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: Falaste já a dom Egas ou Lourenço?

BERMUDO: Da parte do infante aqui sou vindo
a essa diligência e não encontro
quem resposta me dê. Vós sois amigo
dos senhores da casa, entrai dentro,
que eu por vós esperando aqui fico.

PAIS: Estais fora de vós, pois nesta casa...

BERMUDO: De outro tanto, senhor, eu me admiro.
Entre, pois, e observe se descobre
de família sequer um leve indício.

PAIS: Pois, esperai, Bermudo, que eu vou dentro. (Vai-se.)

BERMUDO: É do nosso infante o pai e o filho
de tão estreita amizade e que sem eles...

Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: Ao infante parti; sim, tenho visto...

E dir-lhe-eis que D. Egas nem Lourenço
em casa não estão. Oh, que eu deliro.

BERMUDO: Que confusão, é vosso declarar-ma.

PAIS: Parti já e comunicai-lhe amigo...

BERMUDO: Eu já parto, senhor D. Pêro Pais. (Indo.)

(Aparte) Mais do que eu vou, Pais fica confundido. (Vai-se.) [37v]

PAIS: Porém, que estranho caso! Uma família,
o meu bom pai e mãe, o caro amigo...
Nenhum criado ao menos nesta casa,
se encontra sequer; ah que eu vacilo...

Mas de Egas Moniz e de Lourenço
qual será desta ausência o motivo?
Mas já penetro, sim, se ao dar-lhe a nova
do cerco levantar nosso inimigo,
observei de Egas o semblante
melancólico, com sinais de aflito;
cauteloso, Lourenço nada fala
por mais que eu cheguei a inquiri-lo.
Das confusas palavras que lhe ouvi
a consequência são deste retiro.
Quando eu começava a ser ditoso,
na esperança do bem por que suspiro,
então a densa névoa de um desgosto
aos olhos me rouba aquele alívio
que de meu terno peito é só delícia.
Sim, amada Elvira, eu me aflijo
ao pensar que te ausentas sem saber
onde os meus hei-de dar aos teus seguindo;
seguir-te-ei, sim, ò cara. Mas, oh penas,
onde irei a buscar-te bem querido? (Vai-se.)

Cena 2.^a

**Pavilhão real com guardas. Sai alguns figurões, o CONDE D. FERNANDO
e atrás EL REI. [38]**

REI: Pouco importa que o cerco levantasse

quando estão ‘inda as tropas tão vizinhas.

Não repara o conde que em domínios
do infante Afonso eu estou ainda?

Se a promessa não der ao cumprimento,
voltarei sobre ela com tal fúria
que cheguem a sentir seus moradores
um destroço total entrando a vila,
pois à custa de vidas e fazendas
eu desagravarei a ofensa minha.

CONDE: Porém, como o tempo é tão breve,
o que medeia, senhor, nas suas ditas,
talvez não julgue Egas a demora
tão notável a vossa soberania.

REI: Como breve dizeis, se há já seis horas
que eu mandei retirar toda a milícia?
E é bem certo que já tenha chegado
ao infante e Egas tal notícia.

Eu protesto daqui não retirar-me
sem que satisfação me dê bem digna
da promessa de Egas, pois com ele
pactiei que em eu levantando a vila
o cerco que lhe pus, logo o infante
de Leão me entregasse e de Galiza
os lugares que indevidamente
ele, infante Afonso, possuía.

CONDE: Eu espero, senhor, que Egas Moniz
satisfará qual deve a soberania [38v]
de tão grande monarca, como Afonso,
porque, em verdade, Egas se avaliza

por seu procedimento, que jamais
houve quem o notasse de mentira.

REI: Ora, pois, entretanto, ide Conde
impedir o retiro das milícias,
pois segundo as ordens que lhe dei
ao levantar o cerco desta vila
foi partirem daqui para estarem
ao nascer do sol junto a Sevilha,
contra esse agareno, mouro fero,
que tão barbaramente a domina.
Mandai, pois, suspende-la até que eu
novas ordens lhe passe à partida.

CONDE: Vou a executar quanto ordenais. (Indo.)
(Aparte) O não ter vindo Egas me admira,
quando da falta sua pode el rei
com muito ímpeto ir sobre a vila. (Vai-se.)

REI: Se o vassalo me falta, hei-de vingar-me
do mentido Moniz, que a honra minha
indecente se faz até de o pensar...
Nova cólera meu peito agita...
Porém, torna o conde e com ele... (Atende à cena.)
Mas que novo espectáculo à vista
se me apresenta? Sim... Ele é o mesmo,
pois que a não ser Egas quem podia...

Sai o CONDE.

CONDE: Soberano Afonso, Egas Moniz [39]
reverente audiência vos suplica.

Aparecem na cena, desviado da barraca real, EGAS e D. LOURENÇO, pobremente vestidos com cordas ao pescoço que os cingem pela cinta. ELVIRA e D. TERESA da mesma forma, com os cabelos soltos. Enquanto EL REI diz os versos que se seguem, estão os quatro junto à boca do teatro, com os olhos baixos como réus.

REI: Porém, como assim

eu me entorneço!

E devo eu tolerar...

A alma se agita!

Mas já pensando estou no que seja

com plácido semblante...

Mas a ira...

Estragando-me está todo o valor.

Pois, sim, chegue Moniz, com a família.

CONDE: (Aparte) Assiste-lhe, ó céus, em tal conflito. (Indo.)

Que lastimosa cena se aproxima.

Quando el rei está irado, muito tem o

do mísero Moniz seca desdita. (Vai a ele.)

EGAS: (Aparte) Filhos, tende constância, valor forte.

Não desmais no lance extremo, Elvira.

REI: Chegou, enfim, o tempo em que Moniz

em minhas mãos entrega a sua vida.

Que farei em tal caso? Se o castigo,

dirão que sou cruel, mas a ofendida

majestade de um rei desatendido

sem desagrar-se... Mas se a divina [39v]

majestade do céu nos deu exemplos

e a que nós perdoemos nos obriga...

CONDE: Vinde, pois, senhor Egas ao monarca.

Quanto em ver-vos assim me penaliza. (Movem-se os presos, indo.)

REI: Porém, chega Moniz. Céus, confortai-me.

CONDE: Aqui tendes, senhor, toda a família (chegam)
do honrado Moniz, presente a vós.

EGAS: Na trágica figura me apresento (ajoelha Egas e os mais também)
a teus benignos pés, monarca invicto,
por que não fique o mundo conhecendo
daquele Egas Moniz a falta enorme
a que ele não desse cumprimento.

Prometi em reféns mulher e filhos
e assim venho, senhor, satisfazer-vos.
Em tua real presença tens pedaços
de uma alma que os céus me concederam.

Neles e em mim tens da promessa
presentes os reféns que este velho
contigo ajustou. Sim, grande Afonso,
em mim tens de honrados um modelo
poucas vezes no mundo praticado,
que desde hoje lhe sirva de exemplo.

REI: Pois, são estas as terras, os lugares
que me entregais? Dizei-me, fraudulento.

EGAS: Não me injurieis, monarca invicto,
em me arguires aqui de fraudulento.

Pela falta que houvesse na entrega
dos lugares, senhor, eu bem me lembro [40]
vos prometi trazer mulher e filhos
quais porções estimáveis deste velho

que assim cumpre a promessa que vos fez.

REI: Porém, vosso infante...

EGAS: Me respondeu

que essas terras que tem foram herança
do conde Henrique, pai, que em casamento
lhe donaram em dote, e que as mais
as ganhou ao bárbaro Agareno,
à custa de suores e trabalhos
no derramado sangue que verteu.

E que indevidamente não possuía
um só palmo de terra sem ser seu.

EGAS: Enganei-me convosco, Egas Moniz,
levantando da vila hoje o cerco.

E o vosso infante...

EGAS: Mas como assim?

Enganar-vos Moniz? Ah pobre velho.
Quando o infante não soube a minha vinda
como disse, senhor, a culpa eu tenho.
Justas, cruas queixas que formais,
se chegasse o infante a sabê-lo...

REI: Porém, soube-o depois, vós lho dissestes.

Logo, então, como não vos atendeu...

E são estes, dizei, aqueles frutos
que dele alcançais pelos desvelos
de o haveres criado como a filho?

Oh que ingrato é seu procedimento. [40v]

(Aparte) Eu me compunjo, enfim, do pobre Egas
e serei eu cruel, quando assim vejo
tantas vítimas postas a meus pés,

oferecendo-me as vidas a um cutelo?

CONDE: Noto já compassivo o seu semblante
à vista do espectáculo horrendo.

REI: Levantai-vos Moniz e vossos filhos.

EGAS: Eu e eles esperamos como réus.

REI: Uma vez já mandei alevantar-vos.

EGAS: Obedientes já obedecemos. (Levantam-se todos.)

REI: Mas dizei-me, Moniz, os outros filhos

que vós tendes faltaram ao concerto

do nosso pacteado, não é assim?

Como não os trouxestes? Sim, dizei-mo.

EGAS: Como já estão casados, mal podiam

vir comigo senhor que eu não tenho

já sobre eles poder a obrigá-los

nesta acção, que de mim só dependam

trago estes que em minha obediência

qual pai lhe dou ainda o sustento.

Nem eu vos prometi mais que aqueles

que debaixo do meu mando paterno

vivem ‘inda na sujeição de filhos

em mim; neles está o cumprimento

do pacteado ajuste que tratámos.

Esse, além do que aqui vos ofereço,

quereis mais, ò Afonso, soberano?

Aqui estou a cumprir vossos desejos. [41]

REI: Desafrontar-me hei-de pelas armas

a Guimarães entrando sem pôr cerco.

Vós sereis testemunhas oculares

da vingança que toma Afonso sexto.

EGAS: Ah, senhor, pois tratais de vingativo
ou tornar quereis ainda...

REI: Sim, flagelo,
Contra quem ultrajou a soberania
do meu ser soberano e poder régio.

EGAS: Vingai em mim a injúria recebida.
A vossos reais pés eu me ‘presento (ajoelha),
minha consorte e filhos; ah senhor (a mulher e filhos ajoelham),
não tireis aos patrícios o sossego
que hoje logram na paz que é usado.

CONDE: Oh que honrado no seu procedimento,
com que eficaz esforço está rogando
pela pátria, e a vida oferecendo.

TERESA: Magnânimo Afonso!

ELVIRA: Rei invicto!

LOURENÇO: De vossos reais pés eu me não ergo.

OS TRÊS: Sê benigno às nossas rogativas.

EGAS: Os tributos de Augusto não esquecendo...

LOURENÇO: Perdoai hoje a tantos inocentes.

TERESA: Antes eu perca a vida que ofereço.

ELVIRA: Quando esta vossa glória no benigno
ser dos compassivos o exemplo.

REI: E quereis, me dizei, que fique exposta
a régia soberania ao mundo inteiro [41v]
em se dizer de mim que eu levantara
mão de uma empresa com o defeito
de me terem faltado ao prometido?
Que pactiei com Egas de conserto
o tirar-vos as vidas que ofereceis?

Satisfazer não pode a meu ser régio.

EGAS: Porém, eu como posso já cumpro.

REI: Que dirão se eu convosco um rigor fero

usar hoje, podendo com as armas

despicar-me da afronta de tal erro?

Vivo raio serei contra o que é

usurpador das terras de meu reino.

E a vós pelo engano fabricado

sem mais apelação já vos condeno

a um perpétuo cárcere aonde...

(Aparte) Mas que digo eu contra o pobre velho

que por satisfação me dar inteira

a garganta oferece a um cutelo?

Satisfaz com o que tem como honrado

e hei-de eu ser com ele outro Nero?

Pois não será assim longe paixões

que podem ofuscar meu poder régio.

Fale o mundo de mim mas muito diferente.

Levantai-vos bom Egas e o alento (levantam-se)

sufocado cobrai, mais vossos filhos;

e a valente esposa a quem invejo

a constância de se oferecer à morte

por que eu fosse em parte satisfeito [42]

juntamente os filhos a quem louvo

a cega obediência que ao paterno

mando tão prontamente obedecem,

circunstâncias todas que eu pondero

dignas de louvor e de estimar-se

por avultadas serem de alto apreço.

Nem é justo que vós mais do que eu
obreis acção que exceda ao poder régio.
E essas cordas que a vossos colos cingem
que tireis prontamente vos ordeno. (Tiram as cordas os réus.)

LOURENÇO: Que felicidade a nossa, caro pai!

TERESA: Que felicidade a nossa, caros filhos!

ELVIRA: Que felicidade a nossa, cara mãe!

EGAS: Que não esperada dita, santos céus!

Ah, invicto Afonso soberano

E quem te vencerá quando a ti mesmo
a vencer te atreves por piedoso?

REI: Sim, honrado Egas, eu hoje quero
que respireis alegres no perdão
que eu liberalmente vos concedo.

Voltai ao vosso infante e lhe dizei
que assim obra seu primo Afonso sexto.

EGAS: Permitti-me, senhor, que a vossos pés (ajoelha),
pela graça da vida que recebo
a real mão vos beije.

REI: Eu a permito. (Dá a beijar a Egas que se levanta.)

TERESA: Da gloriosa acção que em ti vemos
um padrão te erija a mesma fama, [42v]
para memória eterna no seu templo. (Beija a mão.)

LOURENÇO: Eu serei, grão senhor, de tanta graça
de teus dons um contínuo pregoeiro
por que soe o mundo o alto brado
da magnânima acção alto desenho
de alma tão real que por prudente
até dominar sabe poder régio.

A tua invicta mão, oh grande Afonso
me permite, senhor, que aqui Lourenço
Viegas te oscule reverente. (Ajoelha e beija.)

REI: Pois sois vós, me dizei, quem noutro tempo
em Valdevez vencestes meu poder?

LOURENÇO: Eu sou, senhor, quem teve o atrevimento
de empunhar a espada contra aquele
soberano monarca, Afonso Sexto,
a quem hoje encontro tão piedoso.
Obrigou-me o lugar que ia exercendo;
foi acaso da sorte variável
que a ousados protege e a pequenos.

REI: Quantos anos contaís, dizei, Viegas?

LOURENÇO: Vinte e oito, senhor, são os que tenho.

REI: Alentada esperança a vosso infante
lhe promete a sorte em tal sujeito.

Porém, que me admiro se sois filhos
de um pai tão distinto e guerreiro.

Será de vossa idade, Egas Moniz
este filho nos marciais empenhos
um valente aluno para empresas, [43]
generoso obrando grandes feitos?

Feliz pai que tais filhos deste à luz.

EGAS: Eles e eu, grão senhor, a vós devemos
esta vida que estamos respirando.

ELVIRA: Eu também como filha deste grémio
se de vossa atenção me faço digna.

Uma graça quisera merecer-vos. (Ajoelha.)

REI: Dizei, pois, bela dama, que hoje Afonso

sem hipérbole ser, me lisonjeio
de cumprir vosso gosto em quanto for
a fazer-vos feliz vosso desejo.

ELVIRA: A maior dita que alcanço neste dia
é a glória, senhor, de conhecer-vos,
quando obrais uma acção das mais heróicas
e a mais digna de um monarca excelso.
Desde que o ceptro empunhais, eu vos afirmo
deste tanto como hoje, quando vemos
fazer feliz a tantos sem despesas
mais que o invicto ânimo tão régio.
Inextinguíveis são em vós as graças
e desde hoje conheça o universo
que Alexandres e Titos mais não deram
à vista do que dá Afonso sexto.

REI: Que discreta e gentil é vossa filha.
Com tais dotes, Moniz, é objecto
bem digno de estimar-se. Ora, pois,
podeis partir em paz ao vosso reino. (Vai-se com os guardas.)

CONDE: Senhor Egas Moniz, posto que eu seja [43v]
para tais parabéns quase suspeito
quanto posso estimo a liberdade
de vos ver dos reféns hoje isento.

EGAS: Senhor, conde, as razões particulares
que puderam obrigar-vos ao excesso,
que serão muito justas não duvido,
segundo de vós formo um bom conceito.
Obrigado vos fico, pois mostrais
de minha liberdade um tal desejo.

Permiti-me licença para que parta
a dar parte ao infante do bom êxito
que tiveram as minhas pretensões.

CONDE: No que obrais qual distinto cavalheiro.

Permiti que vos chegue a acompanhar-vos. (A D. Teresa.)

TERESA: Senhor conde Fernando, suspendei-vos.

Fareis falta a um monarca tão distinto;
sós viemos e assim nos partiremos.

LOURENÇO: Em tão pouca distância, senhor conde,
vosso incómodo não consentiremos.

Permiti-nos licença ao retiro. (Indo.)

CONDE: O céu vos acompanhe dom Lourenço. (Vai-se.)

ELVIRA: De avultado prazer estou possuída,
parto alegre e cheia de contento.

EGAS: Vamos, filhos, a descansar sem sustos.

TERESA: Em que a vida estava de permeio.

TODOS: De um fio pendente e hoje remida
por indulto do grande Afonso sexto. (Vão-se.) [44]

Cena 3.^a

Sala régia

Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: Que não descubra um peito consternado
uma luz mal distinta para alívio
ou para achar remédio em tantos males
que combatem um coração aflito.
Adorada Elvira, qual desgraça
de mim te apartou? Ah, fado iníquo

desenfreado corres aos desgostos
e nem uma só vez aos alívios.
A meus olhos roubastes aquele bem
que lisonjeiro havias concedido;
que tão pouco duráveis são as ditas
que chegaste a dar-me para alívio.
Ah, querida Elvira, onde te esconde...

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Sejais, senhor D. Pêro, muito bem-vindo
Tendes vós já a notícia de dom Egas
de sua esposa, talvez, e de seus filhos?
PAIS: São baldadas as minhas diligências
e até agora não pude descobri-los.

Sai o INFANTE.

INFANTE: Respondei, Pêro Pais, ao que pergunto:
não sois vós de Moniz íntimo amigo?
PAIS: Certamente, infante soberano.
INFANTE: E pois como assim sem conduzir-mo
aos saberes que, ansioso, desejo, [44v]
e quero estar com os dois, pai e filho
aqui vindes sem eles? Dizei Pais.
PAIS: Se a Lanhoso não, infante invicto,
ou Afonso de Espanha que ‘inda está
no lugar que tomou para o sítio...
INFANTE: Parti, pois, a buscá-lo em toda a parte

Pêro Pais, e sem ele eu advirto
que não volteis a mim ou nas herdades
aos criados por ele inquirindo
que impossível será na saída dele
dos domésticos algum tê-lo visto
ausentar-se de nós, Egas, sem mais,
com toda a família, esposa e filhos.
Nem eu devo lembrar-me qual razão
nele haja para assim usar comigo.
Ao que ordeno, parti, sim, Pêro Pais,
que não volteis sem ele vos advirto. (Vai-se.)

PAIS: Recomendar-me quanto eu, ansioso,
saber desejo de Egas e seus filhos
escusado seria a nosso infante,
se me interesse tanto em descobri-los.

BERMUDO: Parti, senhor, que eu ao nosso infante,
criado obediente, vou servindo. (Vai-se.)

PAIS: Mas aonde partir devo? Oh, sorte.
Por que ache desta alma o bem querido
que vos foi, ah, estrelas, para assim
consternares de angústias um aflito.
Sem acerto discorro. Mas o infante [45]
me ordena que Egas e o seu filho
eu lhe traga à presença e que sem eles
aparecer não torne sem o amigo.
Vamos, pois, diligente a procurá-los
qual errante piloto ou peregrino
que discorrendo o mar na tempestade
o naufrágio teme, espera o perigo,

na procela das ondas flutuantes,
ou embrenhado em bosque mais sombrio
que percorrendo nele o cerca a noite
e onde o rumo perdeu lhe falta o tino
assim eu neste lance em que flutuo.
Partirei só guiado do destino,
sem saber em que parte encontrar possa
em Elvira o meu estimado alívio. (Vai-se.)

Sai BERMUDO.

BERMUDO: Eu por mais que discorra não acerto
a fazer sobre Egas um juízo;
teria algum desgosto com o Infante?
Porém, não se ‘inda há pouco repetiu
se outro vassalo fosse, mas aquele
grande Egas a quem devo o ensino
que meu custódio foi e quem meu pai
me entregou terno infante e pupilo.
Quanto mais em tal penso, me confundo
sem da ausência descobrir-lhe o motivo.

Sai o INFANTE.

INFANTE: Já Pêro Pais voltou? Dizei, Bermudo. [45v]

BERMUDO: Pêro Pais, grão senhor, daqui partiu
nem o vi ao depois que lhe ordenaste
não tornasse a vós sem os amigos.
Mas, se eu não me engano, julgaria... (olha a cena)

que já chega, infante esclarecido,
a vossos reais pés...

INFANTE: Mas quem, Bermudo?

Sai D. PÊRO PAIS.

PAIS: A graça, senhor, que hoje vos suplico
espero concedais para falar-vos
com muita brevidade um amigo.

INFANTE: Mas como assim voltais sem me trazeres...

PAIS: Concedei-me o que rogo e depois disso
usareis do poder em premiar-me
ou dar-me, a merecê-lo o castigo.

BERMUDO: (Aparte) Pêro Pais neste empenho mostra ser
de algum seu afilhado o padrinho.

INFANTE: Entre, pois, a falar-me o pretendente.

PAIS: Vou, senhor, prontamente a conduzi-lo. (Vai-se.)

INFANTE: É possível que Pais se empenhe tanto
a favor de um sujeito...

Sai D. PÊRO PAIS e EGAS MONIZ e a mulher e filhos.

EGAS: Infante invicto,
aqui tendes, senhor, o vosso Egas.

INFANTE: Porém, como assim eu vos diviso
pobrementes tratados, sem espadas
nem sombreiros; dizei-me, o que é isto? [46]
Declarai-me a verdade ou o sucesso
sem meteres já mais tempo, súbito.

EGAS: Da ausência que eu fiz sem ordem vossa,
prostrado a vossos pés eu vos suplico (ajoelha)
ou ao perdão da culpa cometida (mulher e filhos ajoelham)
ou quando o mereça o castigo.

INFANTE: Perdoado estais, falai dom Egas. (Levantam-se.)
Levantai-vos, senhoras, o que é isto?

EGAS: Agora o sabereis, régio infante.
Já sabeis, grão senhor, com vosso primo
tratei o descercar a Guimarães
e que vós do ajuste enfurecido
duvidaste na entrega dos lugares.
Sem embargo, senhor, de tudo isto
o cerco retirou el rei de Espanha
como a mim me havia prometido.
Agora sabereis qual razão houve
a me veres com tão pobres vestidos.
Eu tratei com Afonso de Castela
pela falta que houvesse em vós, seu primo
oferecer-me em refém e juntamente
D. Teresa com esses dois meus filhos.
Levantado o cerco era muito justo,
satisfazê-lo como era devido.
Desta sorte cheguei ao grão monarca
de cordas ao pescoço e oferecidos
quais inocentes vítimas à morte
o que sendo pelo soberano visto [46v]
nos perdoou, concedendo as vidas.
Pela falta dos tratos contraídos
e como a mim tocava em tal caso

satisfazer Afonso, rei invicto,
nunca disse a vós de meus reféns,
o que oculto guardei até cumpri-lo.
Mas se eu no que obrei fiz desagrado
a vossa honra, Infante invicto...

INFANTE: Certamente não, vinde a meus braços. (Abraça.)

Estimado Moniz, e quem já viu
mais honrado vassalo do que sei
quando a vida ofereceis pelos patrícios?
Também vós, dona Teresa, nesta acção
mereceis de heroína o apelido;
se valente ofereceste a garganta
ao cutelo com os inocentes filhos.
Sim, dona Elvira e vós, Lourenço,
sendo como mostráveis meu amigo,
porque não me contaste a verdade
dos reféns pelo ajuste prometidos?

LOURENÇO: Não o soube, senhor, senão ao tempo
em que nosso pai Egas fez vestir-nos
para ir oferecer Afonso sexto
as gargantas, senhor; com tal sigilo,
mal podia Lourenço dar-vos parte.

INFANTE: Ao sabê-lo faria em vosso auxílio
o esforço possível de livrar-vos
a expores as vidas... Mas que digo, [47]
se pela acção que obraste, generosa
sois padrão imortal a vós erguido.
De vós mesmo, oh Egas, cante a fama;
sereis só entre os mais do meu domínio

o mais fiel vassalo ao rei e pátria,
dos trabalhos salvando aos patrícios.

Sim, vê-s-me em vergonhas no que obraste,
a meu dever deixando confundido?

Mas que muito obrásseis dessa sorte
sem o exemplo me dais ‘inda o ensino,
ensinando-me as obras com os vassalos
quanto vós nesta acção obrais comigo.

Pedi, oh, grande Egas, quanto eu possa
conceder-vos em todos meus domínios
que tudo será pouco a premiar
um vassalo qual Egas mais condigno.

EGAS: Mas senhor, que fiz eu para tal oferta?

Dizei, amado Infante esclarecido.

A paga do que fiz está em vós mesmo,
quando eu pelo amor vos noto filho.

É vosso o que possuo e eu não fiz mais
do que fizera aí qualquer patrício.

INFANTE: Pedi, pois, grande Egas, porque hoje
de justiça ser devo agradecido.

Quereis, talvez, que eu me mostre ingrato
para vossa esposa e vossos filhos;
beneméritos julgo qualquer deles
para serem de mim hoje atentados. [47v]

EGAS: A tal mercê, senhor, fico obrigado.

Novas graças vos rendo e não consinto
que vosso património defraudando
peça mais do que tenho e não preciso.

BERMUDO: (Aparte) Que outro igual não haja ao bom Egas

entre os mais vassallos eu o afirmo.

PAIS: (Aparte) Caro Lourenço, agora eu julgaria que ao nosso infante...

LOURENÇO: (Aparte) Sim, amigo, eu por vós falarei, céu esforçai-me. Se licença me dais que fale um filho e ao régio infante o mesmo rogo.

INFANTE: Falai, pois, sim Lourenço.

EGAS: O mesmo digo.

LOURENÇO: Sabereis régio infante, pai amado, também vós D. Teresa de quem filho obediente sou e a quem respeito como a mãe estimada, que um amigo de quem o sou fiel e a quem desejo ser em tal conjuntura seu padrinho que ajuntar-se pretende a nosso grémio pelo sangue entre nós, e ele unido. Pêro Pais é, senhores, por quem rogo e o por quem advogo meu amigo.

ELVIRA: (Aparte) Em que ocasião tão oportuna se declarou D. Pêro para marido.

LOURENÇO: Tanto estima a Elvira, minha irmã, que há dois anos a serve amante fino. [48]

Se em tal dia merece ser feliz, eu o serei também, porque o estimo.

INFANTE: Respondei à proposta como pai, e vós, D. Teresa, que eu confio que D. Elvira não recusará ao esposo aqui de admiti-lo.

EGAS: Dom Pêro Pais, senhor, me honra muito em querer-se alistar hoje meu filho.

TERESA: Eu, senhor, quando seu pai o abraça sumamente, gostosa o admito.

INFANTE: Falta agora que D. Elvira mostre o seu consentimento.

ELVIRA: Afonso invicto,
depois de vós mandares que assim seja,
e a vontade dos pais, a quem me humilho,
eu gostosa o aceito meu esposo.

PAIS: Agora, amada Elvira, é que eu respiro.

Que glorioso dia é este de hoje
em que vós elevais ao grão altivo
de ser vosso esposo; das fadigas
descansará meu perturbado espírito.

E que bem gasto o tempo de dois anos
se o prémio é este que consigo.

Desde hoje, tereis em mim D. Egas
para bem vos servir a tento um filho
e a vós, D. Teresa, que amor devo
estimara acertar por bem servir-vos.

Generoso Lourenço, vós me fizestes [48v]
neste dia feliz, sim, caro amigo.

E vós, régio infante soberano,
que empenhado oraste em meu auxílio,
conceda-vos o céu quando o intentares
a vitória de vossos inimigos.

INFANTE: Desposados felizes, visto a estares
em meus paços, serei eu o padrinho.

Parabéns eu vos dou e me empenho.

Sai BERMUDO.

BERMUDO: O conde Fernando espera a vez
de entrar a falar-vos.

INFANTE: Como assim?

Pois o que quer de mim um foragido?

BERMUDO: Segundo observei de dom Fernando,
os sinais com que vem são de ministro.

EGAS: É constante, senhor, de que ele venha
com recado, talvez, de vosso primo.

INFANTE: Egas Moniz, fazei vosso dever
do lugar em que estais constituído. (Vai Egas ao seu lugar.)

PAIS: Um secretário vosso não é justo
que desarmado esteja sem o devido
de espada e de sombreiro.

INFANTE: Pêro Pais, está bem advertido.

Entrai Egas Moniz em o meu quarto
e Bermudo vos arme do preciso.

E D. Lourenço o mesmo vai fazer. (Vão-se os três para dentro.)

LOURENÇO: Obedeço, senhor, parto a servir-vos.

INFANTE: E vós a este quarto retirai-vos, [49]

porque não está em prática e estilo
o estarem presentes a tais actos
as pessoas do sexo feminino.

TERESA, ELVIRA: Prontamente, senhor, obedecemos. (Vão-se.)

INFANTE: Que ocasião mover pode a meu primo
o mandar-me o conde D. Fernando?

Sai EGAS e D. LOURENÇO.

EGAS: Ordenai, grão senhor, que entre o ministro.

INFANTE: Ocupai os lugares competentes
e vá Lourenço, Egas, conduzi-lo,
juntamente Bermudo com a guarda.

LOURENÇO: Parto a ser condutor e seu padrinho.

BERMUDO: E eu a executar quanto mandais. (Vão-se.)

INFANTE: Prontamente mudastes de vestidos.

EGAS: Nunca Egas Moniz, posto que velho
Deixou de estar pronto a servir-vos.

PAIS: Já a comitiva entra com a guarda
por dom Lourenço, Egas, conduzido.

**Sai BERMUDO com soldados e D. LOURENÇO com o CONDE, e o INFANTE
sobe à cadeira.**

LOURENÇO: Presente estais ao infante, meu senhor.

INFANTE: Dizei o que quereis, se sois ministro.

CONDE: Excelso Afonso, a quem os lusitanos
por amor vos aclamam pai de filhos,
e a quem todo o mundo já conhece
soberano infante esclarecido, [49v]

Afonso de Castela vos envia
muito saudar como a um primo,
a quem muito estima, preza e ama,
qual parente em sangue tão unido.
Ele quer desde hoje a paz tranquila

convosco conservar ser-vos amigo
e que as armas movidas contra vós
já desde hoje esquece os seus motivos
e que promete à fé de soberano
mais não inquietar a um seu primo.
Também pede a rainha, vossa mãe
Hoje o vosso agasalho como a filho
que esquecendo o passado perdoeis
aos que a acompanharam no retiro.
Um e outro, senhor, isto me ordenam
que vos certificasse, Infante invicto.
INFANTE: Que à proposta responda é bem justo,
se acaso já conde tendes dito.
CONDE: Acabei, grão senhor, ao que enviado
fui a vós por Afonso, vosso primo.
INFANTE: Quanto Afonso comigo querer a paz,
faz muito bem, que sou mau para inimigo.
Eu para defender as minhas terras
tenho força que baste a reprimi-lo.
No primeiro encontro o experimentou
em que a guerra rompeu meu inimigo
de mil e tantos homens que acabaram
em Valdevez e ele mais ferido, [50]
escapando a unhas de cavalo
de ser preso, talvez, e meu cativo.
Cercou-me a Guimarães não sei porquê,
nem eu saber tão-pouco o seu motivo;
levantou ele mesmo o que cercara
para não se expor a novos perigos.

Eu não recuso ou rogo sua amizade,
aceito quanto oferece hoje meu primo.
E quanto a minha mãe ou a rainha
quando venha terá o mesmo abrigo
que sempre experimentou na obediência
com que sempre a tratei como seu filho.
Hoje mesmo querendo pode vir,
noticiando antes com o aviso
para ir a esperá-la como devo
em distância da vila algum caminho.
Respeito a perdoar a todos quantos
ela, vassalos meus, levou consigo,
principio por vós, eu vos perdoo
conde D. Fernando, e quem faz isto
bem merece o amor de seus vassalos
e não deixá-lo ou seguir outro partido
de opostas bandeiras contra mim
e contra os parentes e os patrícios.

CONDE: Se soubésseis, senhor, como obrigado
fui de alheio poder tão constrangido
que violenta segui a régia mãe.

INFANTE: Basta, conde, não mais se fale nisso. [50v]
Porém, antes que vades com a resposta
por comprazer assisti a um amigo
em um lance de gosto por parente.

CONDE: A vossa real vontade eu me humilho.

INFANTE: Essas damas, Bermudo, que estão dentro
nesse quarto, mandai venham asinha. (Vai-se Bermudo.)

CONDE: Pêro Pais, eu me alegro de vos ver.

Como está vosso pai e amado tio?

PAIS: Um e outro quais velhos vão passando.

E vós como estais, parente amigo?

CONDE: Para em tudo servir-vos muito bem.

Sai BERMUDO e as damas já compostas.

TERESA: Às vossas reais ordens prontas vimos. (Mesura.)

INFANTE: Eleja, pois, Moniz quem neste acto

há-de servir a Elvira de padrinho

que para um me ofereço, se gostais.

EGAS: Humilde, grão senhor, vos gratifico

a honra que recebo e pois parente

aqui se acha o conde em sangue unido,

ele pode, querendo, a Pêro Pais

de outra testemunha aqui servir-nos.

PAIS: Acertada eleição qual eu esperava.

CONDE: Para tão feliz acto me convido.

INFANTE: Ora, pois, dêem-se as mãos de desposados

até que chegue o dia em que unidos

da santa cerimónia se complete

o acto a que agora dão princípio. [51]

PAIS: Esta é D. Elvira a que ofereço.

ELVIRA: E eu com esta o mesmo aqui confirmo. (Dadas mãos.)

INFANTE: Felizes desposados, eu prometo

engrandecer sujeitos tão distintos.

PAIS: Quanto possa, senhor, buscarei sempre

ser-vos gratos a tantos benefícios. (Beija-lhe a mão.)

ELVIRA: Generoso Infante a uma vassala

a mão lhe prometi, pois sois padrinho. (Beija-lha.)

LOURENÇO: (A Pais) Chegou o feliz dia dos prazeres
que eu recebo por parente e amigo.

TERESA: Pêro Pais, e eu quanto me é possível
vossas ditas e de Elvira estimo.

EGAS: Louvores aos céus que em meus dias
de Elvira um lapso vi propício
aos paternos desejos.

INFANTE: Mas que muito,
se sois da minha corte mais condigno
dos vassallos e a quem todo o universo
a coroa tecerá dos elogios,
pois quem pelo amor da sua pátria
a esposa oferece e os caros filhos
expondo-os à morte é o exemplar
por acaso no mundo nunca visto.

Vós com justa razão serem, oh, Egas,
da decantada acção o heroísmo.

CONDE: Quem por salvar a pátria vida oferece
que mais havia de obrar, infante invicto?

INFANTE: Aos vindouros deixar-lhe um exemplo [51v]
de imitar-lhe as acções do honrado brio
com que Egas soube hoje enobrecer-se.

TODOS: Qual vassallo fiel e o mais condigno!

FIM